



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

KARINA CUNHA PIMENTA

**MEMÓRIA, PAISAGEM E TRANSFORMAÇÃO: OS MORADORES DO
LAGUINHO E OS IMPACTOS DA CONSTRUÇÃO E OPERAÇÃO DO TERMINAL
FLUVIAL DE GRANÉIS SÓLIDOS DA CARGILL - SANTARÉM (PA)**

**SANTARÉM-PARÁ
2022**

KARINA CUNHA PIMENTA

**MEMÓRIA, PAISAGEM E TRANSFORMAÇÃO: OS MORADORES DO
LAGUINHO E OS IMPACTOS DA CONSTRUÇÃO E OPERAÇÃO DO TERMINAL
FLUVIAL DE GRANÉIS SÓLIDOS DA CARGILL - SANTARÉM (PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia como requisito para obtenção do título de Bacharel em Antropologia, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Instituto de Ciências da Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lucybeth Camargo de Arruda.

SANTARÉM-PARÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

P644m Pimenta, Karina Cunha
Memória, paisagem e transformação: os moradores do Laguinho e os impactos da construção e operação do Terminal Fluvial de Granéis Sólidos da Cargil – Santarém (PA). / Karina Cunha Pimenta. – Santarém, 2022.
68 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Lucybeth Camargo de Arruda.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Paisagem. 2. Memória. 3. Transformação. 4. Praia da Vera Paz. I. Arruda, Lucybeth Camargo de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 306.349098115

KARINA CUNHA PIMENTA

**MEMÓRIA, PAISAGEM E TRANSFORMAÇÃO: OS MORADORES DO
LAGUINHO E OS IMPACTOS DA CONSTRUÇÃO E OPERAÇÃO DO
TERMINAL FLUVIAL DE GRANÉIS SÓLIDOS DA CARGILL - SANTARÉM (PA)**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia como requisito para obtenção do título de Bacharel em Antropologia, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Instituto de Ciências da Sociedade.
Orientadora: Prof^a. Dra. Lucybeth Camargo de Arruda.

Nota: 8,5


Data da aprovação 22/ 07 /2022



PRESIDENTE: Prof^a. Dr^a. Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

Documento assinado digitalmente
 CARLA RAMOS
Data: 13/10/2022 17:09:09-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

AVALIADORA: Prof. Dra. Carla Ramos Munzanzu
Universidade Federal do Oeste do Pará



AVALIADOR: Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará

Ao rio Tapajós e toda vida que dele pulsa.

AGRADECIMENTOS

Em seu livro intitulado *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak nos convoca a construirmos paraquedas coloridos, que nada mais seriam que meios de cair suavemente aparados pelas nossas visões e sonhos, nos abrindo para visões de mundo não limitadas, que nos conduziram com sabedoria para viver o dia a dia, ampliando o nosso horizonte existencial e enriquecendo nossas subjetividades. Eu acredito que a antropologia me trouxe para esse caminho que eu escolhi lá atrás em 2015 e que venho escolhendo até aqui.

Nesse fim de ciclo me sinto grata por todas as descobertas e caminhos que segui dentro da universidade, toda força que manifestei nos momentos que mais acreditei serem inultrapassáveis, mas que eu estive ali por mim. Todas as decisões que julguei serem o melhor para mim e que me trouxeram até esse momento de finalização de um trabalho que tanto construí ao passo que também me construiu.

Agradeço a minha mãe, Marileuda Cunha, a qual é meu maior exemplo de força e coragem nessa existência e que nunca deixou de acreditar em mim. Sendo uma das primeiras mulheres da família a se formar no ensino superior. Nascida em Parintins e criada em Oriximiná, lutou como mulher e mãe pelo direito à educação, ao mudar para Santarém sozinha com seus três filhos pequenos a fim de cursar sua graduação em serviço social.

Agradeço o apoio de minha família, que mesmo sem entender muito bem minhas escolhas e caminhos, nunca deixaram de ajudar da maneira que podiam. Aos meus irmãos, Luiz Felipe Vieira e Fernanda Vieira. Minha irmã e amiga, que desde sempre teve que escutar qualquer tipo de teoria antropológica, texto acadêmico que eu estivesse estudando ou que havia chamado minha atenção, além de curiosidades antropológicas que eu achava o máximo comentar sobre com a justificativa de que assim eu aprenderia melhor.

Agradeço a minha avó, Maria Leonice Cunha, por sempre procurar estar presente em minha vida, deixando transparecer seu amor e cuidado.

Agradeço a professora Lucybeth Arruda, por nunca ter desistido de mim mesmo nos momentos que eu mesma já havia acreditado que o ambiente acadêmico não era meu lugar, sendo uma das minhas grandes incentivadoras ao retorno do curso. Agradeço também pela acolhida nessa trajetória final, pelos incentivos e seu olhar atento.

Agradeço ao professor Miguel Aparício, pela grande influência em minha trajetória acadêmica e por ser responsável por me abrir caminhos que me resultaram neste trabalho.

Agradeço às amigas de vida que a UFOPA me proporcionou:

Emylle Gomes, uma parceria que me acompanha desde sempre para tudo, e que

caminhou comigo durante a pesquisa compartilhando ideias e pensamentos, me inspirando com sua determinação e disciplina.

Thaís Oliveira, que segue sendo uma das minhas pessoas favoritas no mundo e uma das minhas maiores incentivadoras do universo.

Andreza Cristina, a qual sigo admirando a cada caminho percorrido.

Sarah Maia, que traz sabedoria e luz para esse mundo.

Jéssica Miranda, a qual é muito bom trocar e ser.

Que sigamos nos celebrando mesmo nas mínimas coisas que a gente se propõe a fazer.

Agradeço aos meus amigos Rafaela Maciel, Alice Lacerda e Henrique Maia, por todas as palavras de calma, por sempre acreditarem que eu chegaria até aqui e também pela compreensão, ajuda e carinho nessa fase final, isso também é por vocês.

Agradeço ao meu gato Biscoito, que esteve ao meu lado em todos os dias que não consegui me sentir bem comigo mesma, me trazendo paz e alegria em meio ao caos da minha mente.

Por fim, agradeço a mim. Por ter aprendido a lidar comigo, a acreditar no que poderia fazer e procurar ter calma para caminhar pelo caminho.

“Sonhar mais um sonho impossível. Lutar quando é fácil ceder. Vencer o inimigo invencível. Negar quando a regra é vender” (Maria Bethânia).

RESUMO

Onde antes era situada uma das praias de mais fácil acesso à população da cidade de Santarém, a praia da Vera Paz, popularmente chamada de “Veroca”, lugar de lazer, pesca e campeonatos de futebol, agora é conhecido como bosque Vera Paz. O local foi alvo de grande disputa territorial quando este patrimônio de inestimável valor sociocultural se viu impactado pela instalação do Terminal Fluvial de Granéis Sólidos, da multinacional Cargill. Hoje o que vemos no local é um complexo de estruturas portuárias e de armazenamento situados à margem direita do Rio Tapajós. Nesse processo, famílias foram retiradas de suas moradas à beira do rio, onde plantavam e pescavam seus alimentos. Nesta monografia, busco seguir as reflexões e fazer uso das ferramentas conceituais, principalmente acerca da ideia de paisagem, de Tim Ingold (2017) e Anna Tsing (2019). Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal reconstituir parte desse processo, e das transformações ocasionadas pela implantação e operação do terminal da Cargill, apoiado pelo conceito de “paisagem em perturbação” para dialogar e refletir sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas por meio das memórias e dos relatos de vida dos moradores do bairro do Laginho, Santarém (PA).

Palavras-chave: Paisagem. Memória. Transformação. Praia da Vera Paz.

ABSTRACT

Where once was located one of the beaches of the easiest access to the population of the city of Santarém Vera Paz beach, popularly called "Veroca", a place of leisure, fishing and soccer championships, is now known as Vera Paz woods. The place was the target of a great territorial dispute when this heritage of inestimable socio-cultural value was impacted by the installation of the solid bulk river terminal, by the multinational Cargill. Today what we see there is a complex of port and storage structures located on the right bank of the rio Tapajós. In this process, families were removed from their riverbank dwellings, where they planted and fished their food. In this monography, I seek to follow the reflections and make use of conceptual tools, mainly about the idea of landscape, of Tim Ingold (2017) and Anna Tsing (2019). In this context, the present work has as main objective to reconstitute part of this process, and the transformations caused by the implementation and operation of the Cargill terminal, supported by the concept of "landscape in disturbance" to dialogue and reflect on the transformations that have occurred in recent decades through the memories and accounts of life of the residents of the neighborhood of Laguinho, Santarém (PA).

Keywords: Landscape. Memory. Transformation. Vera Paz beach.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Faixa no ato do Acampamento “Santarém território indígena”

Fotografia 2 - Ritual indígena em homenagem aos parentes em frente aos portões da Cargill, na faixa que se encontra à esquerda da foto lê-se “o sangue e o sonho dos antepassados permanecem em nós”

Fotografia 3 - Praia da Vera Paz em 1980

Fotografia 4 - Vista das praias do antigo bairro Aldeia em 1899

Fotografia 5 - Cartão postal de Santarém, ao fundo a antiga praia da Vera Paz em 1968

Fotografia 6 - Vera Paz em 1996

Fotografia 7 - Terminal avançando sobre o rio

Fotografia 8 - Vista aérea cais do porto em 1970

Fotografia 9 - Barracas na praia da Vera Paz

Fotografia 10 - Bosque Vera Paz em 2021

Fotografia 11 - O sol se pondo em meio às estruturas do Terminal

Fotografia 12 - Terminal da Cargill a noite visto do bosque Vera Paz

Fotografia 13 - Canoas abandonadas no bosque

Fotografia 14 - Acúmulo de lixo em meio ao bosque

Fotografia 15 - O rio e o lixo acumulado

Fotografia 16 - Vista aérea da área onde hoje se situa o bairro do Laguinho em época de cheia, 1953

Fotografia 17 - Vista aérea terminal da Cargill e bairro do Laguinho, 2010

Fotografia 18 - Embarcações de pequeno porte em contraste com a estrutura da Cargill ao fundo

Fotografia 19 - Grande estrutura portuária em meio ao rio de Santarém, ao fundo o bosque Vera Paz e a Cargill

Fotografia 20 - Construção da calçada da orla

Fotografia 21 – Vista aérea de Santarém em época de cheia onde hoje se situa o bairro do Laguinho, 1957

Fotografia 22- Vista aérea terminal da Cargill atualmente

Fotografia 23 - Coroa de areia da Vera Paz

Fotografia 24- Vera Paz em 1970

Fotografia 25 - Rio na época de seca em frente ao bosque Vera Paz em 2018

LISTA DE SIGLAS

CDP Companhia Docas do Pará

CPEA Centro Paulista de Estudos Agropecuários

EIA Estudo de Impacto Ambiental

IBAMA Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICBS Instituto Cultural Boanerges Sena

PA Pará

PAA Programa de Antropologia e Arqueologia

PR Paraná

RIMA Relatório de Impacto Ambiental

RO Roraima

SP São Paulo

UFOPA Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: ANTES ERA A VEROCA	21
1.1 Contexto histórico de Santarém	22
1.2 A Construção do Terminal da Cargill	27
1.3 A praia Vera Paz	31
CAPÍTULO II: O RIO QUE EMBAÇOU NO HORIZONTE	33
2.1 Memória como resistência	40
2.2 Paisagem como protagonista dinâmico	42
2.3 A quem serve o rio?	45
CAPÍTULO III: MEMÓRIAS SOBRE UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO	48
3.1 Seu Erivaldo	51
3.2 Dona Maria	53
3.3 Dona Ana Lúcia	57
3.4 Seu Antonio Sena	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

Em 2017 tive a oportunidade de escrever um trabalho na disciplina de Métodos Quantitativos e Qualitativos (PAA/Ufopa)¹ com a Prof. Luciana Carvalho. De início eu e minhas colegas de turma fomos instigadas a buscar entender quais seriam os impactos da plantação e produção de soja em nossa região, mais especificamente aos arredores da comunidade de Boa Esperança localizada a 43 quilômetros da cidade de Santarém.

Porém, por conta da dificuldade que teríamos de ter acesso ao lugar em relação ao tempo de pesquisa que tínhamos para a entrega do trabalho, fomos nos adequando ao que seria mais viável, e assim chegamos à questão da antiga praia da Vera Paz, onde está instalado o terminal da multinacional Cargill, hoje.

O estudo foi realizado com os moradores do bairro do Laginho a fim de explorar as relações afetivas que estes moradores tinham com a praia. (PIMENTA et al., 2018). Servindo de base para a escrita do artigo intitulado “Saudades da Veroca”, no qual por meio de entrevistas e fotografias pude conhecer a história de vida das pessoas que moravam na antiga praia da Vera Paz, o qual sucumbiu com a implementação do terminal fluvial de granéis sólidos da Cargill.

Dois anos depois, em 2019 cursando a disciplina Antropologia da Natureza (PAA/Ufopa) fui impulsionada a escrever um ensaio falando sobre a sociabilidade entre abelhas e humanos em Belterra, onde fui apresentada, através de Seu Alcivado, sobre as ameaça e dificuldade de novas criações, pois o uso de agrotóxicos e destruição de grandes extensões de mata para a criação de campos para a plantação de soja causavam um extermínio das abelhas naquela região.

Dessa forma, busquei me manter informada das múltiplas implicações em ter empreendimentos como esses na cidade de Santarém e arredores que estão em um rápido processo de modificação dos modos de viver tanto humano quanto não humano. Segundo Shiva (2002), as monoculturas disseminam-se não por aumentarem a produção, mas por aumentarem o controle, dessa forma, a expansão das monoculturas tem mais a ver com política e poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica e qualidade de vida.

Segundo o site da empresa:

A Cargill oferece serviços e produtos alimentícios, agrícolas, financeiros e industriais ao mundo. Juntamente com produtores rurais, clientes, governos e comunidades, ajudamos as pessoas a prosperar com a aplicação de nossas ideias há mais de 155 anos. Temos 155.000 funcionários em 70 países, que

¹ Programa de Antropologia e Arqueologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Oeste do Pará.

estão comprometidos a fornecer alimentos ao mundo de uma forma responsável, reduzindo o impacto ambiental e melhorando as comunidades onde atuamos. (CARGILL, 2022)²

No mesmo site, existe uma aba escrita sustentabilidade, e dentro dela uma página chamada “Valorizar nossas comunidades”, onde a empresa se vangloria de fortalecer a economia e o desenvolvimento dentro da comunidade no qual está instalada.

Neste trabalho, busco seguir as reflexões e fazer uso das ferramentas conceituais, principalmente acerca da ideia de paisagem, de Tim Ingold (2017) e Anna Tsing (2019). Ingold aborda através de uma perspectiva não dicotômica a ligação entre as relações humanas e as relações ecológicas que envolvem a ação de não humanos. Em sua visão, a paisagem não seria uma constante física, mas algo em transformação, imersa no fluxo do tempo, dessa forma, a paisagem extrairia seu sentido das relações em que está imersa.

Partindo disso, as pessoas e as paisagens que habitam passariam por um processo de mútua constituição. Portanto, se as relações sociais e as transformações da paisagem estão interligadas, o que colabora para que isso aconteça seria justamente a capacidade de elementos não humanos da paisagem fazerem história. Ao seguir as ferramentas conceituais de Tsing (2019) entendo que Paisagens adentram em suas histórias por meio de perturbações, e que seguir história de perturbação é uma maneira de fazer da paisagem um protagonista dinâmico.

Dessa maneira, pretendo trazer o conceito de “paisagem em perturbação” para esse diálogo e refletir sobre as transformações ocorridas nas últimas décadas no bairro do Laguinho. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal reconstituir parte desse processo, e dos impactos trazidos pela instalação do terminal da Cargill, por meio das memórias e dos relatos de vida dos moradores do bairro do Laguinho em Santarém (PA).

Como método de pesquisa, me propus a sair de casa todas as tardes e ir caminhar ou andar de bicicleta na Orla da cidade, principalmente, na extensão onde se encontra o bosque Vera Paz, tendo feito isso a cerca de um ano, e quanto mais escuto os relatos dos antigos moradores do bairro e da área onde hoje se encontra instalado o terminal da Cargill ou leio sobre a história da cidade, mais interessada me vejo em de algum modo recriar a imagem do que ficou para trás, mas que de alguma forma resiste na paisagem atual do lugar.

Me explico, refiro-me sobre a transformação da paisagem - da perda da beleza vendida por valor monetário para alguns e, para outros, nem isso, apenas a expropriação. Onde está a linda praia que se situava à margem direita da cidade e era de fácil acesso a uma parcela da

² CARGILL. Cargill Brasil, c2022. Cargill em resumo. Disponível em: <https://www.cargill.com.br/pt_BR/cargill-em-resumo>. Acesso em: 16 abril 2022.

população que não tinha condições de frequentar outras mais distantes como Alter do Chão e Ponta de Pedras? Como aconteceu o processo de gentrificação em que se fagocitou, inclusive, os seus moradores - se tornou lugar massacrado pelas próprias pessoas que lhe habitavam? Tudo de ruim que havia de acontecer ali foi milimetricamente executado como uma maneira de criar a pior reputação possível para que aquele lugar fosse perfeito para a instalação do terminal da multinacional.

Em Santarém, a produção do urbano se deu a partir de uma forma peculiar de ocupação do espaço, compreendida a partir de processos históricos, geográficos e culturais únicos. As atividades desenvolvidas em contexto regional, sejam econômicas, políticas ou sociais contribuíram enormemente para a organização do espaço da cidade e, acabaram assim configurando as relações que os moradores do bairro desenvolveram com o rio e a paisagem ao longo de todo seu processo histórico.

As atividades mais recentes, como o cultivo e exportação da soja, apresentam novas dinâmicas, dessa forma atribuindo novas funções para alguns espaços da cidade, no caso aqui trabalhado, esse espaço seria a área correspondente à antiga praia da Vera Paz e o atual bairro do Laguinho. Nesta paisagem atual, tais transformações coexistem com um modo de vida que se dá por meio da permanência de usos já estabelecidos e expressões de sobrevivência e resistência.

O início do bairro do Laguinho, o terminal fluvial de granéis sólidos e o rio Tapajós, são lugares formados por uma diversidade de usos, nos quais se impõe como espaços de encontros e desencontros de perspectivas e de tempos históricos diferentes e contraditórios, mesmo que contemporâneos, pois são lugares onde transformações e permanências coexistem. Sendo assim, a paisagem não pode ser entendida enquanto um processo finalizado, e sim como algo dinâmico que assim como permanece, acaba por se transformar.

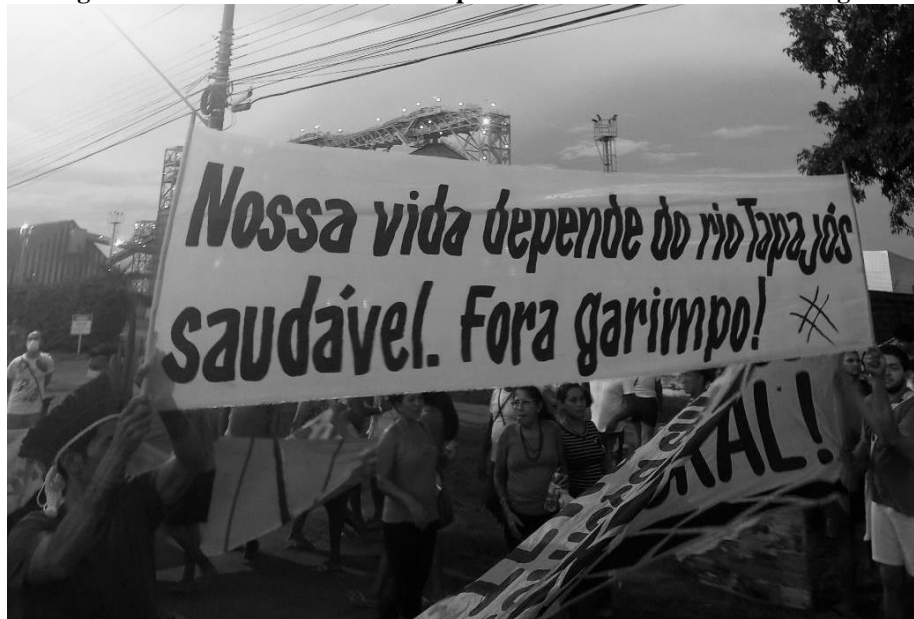
A relevância dessa temática se torna imprescindível para compreendermos o processo constante das transformações ocorridas na cidade de Santarém nas últimas décadas e sua diversidade ao se tratar de uma cidade relativamente grande³ no meio na Amazônia e com um potencial enorme de exploração pelo círculo mundial hegemônico capitalista. Portanto, ao focar no conjunto de transformações na paisagem ocorridos no bairro do Laguinho e na antiga praia da Vera Paz os quais se tornaram palco de um empreendimento multinacional, este trabalho assume a importância de compreender quais mudanças e permanências no que concerne às formas de relações entre o humano e não humanos são mantidas historicamente entre o espaço

³ Em 2021, sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 308.339 habitantes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/santarem.html>. Acesso em: 15 jul 2022

que remete ao bairro, ao terminal e o rio.

Nesse esforço de compreendermos mudanças e permanências as quais acometem as cidades amazônicas, observamos suas especificidades de expansão urbano-regional, o qual não se movimenta apenas pelos rios ou rodovias, ou só pelas questões agrícolas, mas que une o conjunto dessas relações através da coexistência de diferentes tempos históricos, diferentes formas de uso do espaço, diferentes perspectivas de mundo (COSTA, T. 2012). Neste trabalho, busco entender como se deu o processo de transformação da paisagem no bairro do Laguinho partindo da implantação e operação do terminal da Cargill através do entrelaçamento das memórias dos que ali viveram e vivem.

Fotografia 1 – Faixa no ato do I Acampamento Santarém território indígena⁴



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2022).

Em junho de 2020, fui convidada pelo Prof. Miguel Aparício, a participar da construção de um artigo juntamente com outros colegas do curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O artigo intitulado “A infecção dos rios Amazonas e Tapajós: olhares em confinamento de estudantes de antropologia em Santarém (Brasil)”⁵, escrito e publicado durante um momento de forte agressão à Amazônia e seus habitantes, provoca quebras e iniciativas para o que vai ser tratado aqui neste trabalho.

Partindo do momento em que fomos acometidos pela pandemia, o vírus SARS-CoV-2

⁴ O evento ocorreu em Santarém entre 20 e 25 de junho de 2022, no qual os 13 povos indígenas do Baixo Tapajós discutiram estratégias de resistência, defesa e luta pelo território e pelos direitos à educação e à saúde.

⁵ Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/imanimundo/article/view/88334>. Acesso em: 02 fev 2022

passou a modificar o modo de vida dos moradores da Amazônia, foi possível observar o avançar da doença e da grilagem no norte do país. Novamente, os povos da Amazônia estavam vivendo uma dupla invasão: além do perigo de terem seus corpos infectados, ainda correm o risco de serem separados de suas terras.

Assim, fica evidente que o(s) mundo(s) dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas que vivem no entorno do rio Tapajós vem morrendo junto com suas histórias e memórias. Para os povos da região amazônica o(s) mundo(s) já vem acabando há muito tempo. Porém, eles seguem resistindo e re-existindo diante de múltiplas tentativas de extermínio, seja por meio da violência física, da usurpação de suas terras ou da precariedade de condições de vida proporcionadas pelo Estado.

É chegado o momento de sermos guiados pelos povos que mantêm a Amazônia viva. Hoje é essencial enxergarmos os elementos da vida real os quais a lógica capitalista tenta esconder e silenciar, assumindo compromisso político, partindo das feridas e mortes que essa sociedade nos deixou e, aceitando o desafio de formar um novo plano de vida e de mundo. Da união de diversas maneiras de ver, sentir e estar no mundo deverá surgir a inspiração que oriente nossas escolhas no cotidiano, em interação com outros seres humanos e não humanos. Não se trata de salvar uma humanidade excepcional, mas de reconhecer os múltiplos pertencimentos de todos que aqui habitam.

Fotografia 2 – Ritual indígena em homenagem aos parentes em frente aos portões da Cargill, na faixa que se encontra a esquerda da foto lê-se “o sangue e o sonho dos antepassados permanecem em nós”



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2022).

Em linhas a seguir, passo a apresentar os capítulos desta monografia. No primeiro capítulo, o qual é dividido em três partes, começo localizando, por meio de levantamento bibliográfico, os contextos histórico, social, econômico e político de Santarém (PA). Em seguida, sobre como que se deu a obra do porto da Companhia das Docas do Pará e o arrendamento de suas terras onde hoje se encontra o Terminal Fluvial de Granéis Sólidos da multinacional Cargill, para logo começamos a nos situar sobre o processo de transformações ocasionados na antiga praia da Vera Paz.

No segundo capítulo, discorro sobre a questão da memória apoiada pelas discussões propostas por Ecléa Bosi (2003) e Pierre Nora (1993). Aqui, também trago as ideias de Ingold e Tsing sobre o conceito de paisagem e sua ação de tornar a paisagem como protagonista dinâmico, na tentativa de reconstruir os dados dos últimos vinte anos a respeito das transformações ocorridas e sentidas. Ainda como último movimento deste capítulo, trago questões sobre o uso do rio e perda de nossas praias.

O terceiro capítulo, é formado por quatro relatos de vida de moradores do bairro do Laguinho coletados durante diferentes momentos do ano de 2021. Ao adentrar no campo após o início da pandemia, campo este formado pelo bairro que moro e meus vizinhos, tive que carregar além do meu preparo anterior em sala de aula no curso de antropologia um cuidado humano enorme com as vidas das quais me aproximava, respeitando ao máximo as recomendações sanitárias de saúde. Assim pude conversar com os moradores no intuito de despertar o interesse no ato de rememorar sua vida e estadia no bairro, abrangendo uma relação de aproximação desarmada de qualquer rótulo social, sendo permitida viajar através de suas narrativas.

Partindo disso, optei por nesse estudo fazer o uso de imagens para compor as narrativas expostas além de meramente ilustra-las. Apresentando um olhar sobre o passado e presente, a fim de encontrar nesse movimento a transformação da paisagem ligadas a noção de temporalidade e expansão urbana.

Um significado sociocultural relevante da imagem fotográfica somente poderia ser obtido através da conjunção da própria foto como um artefato dado ao olhar (...), com a interpretação do seu objetivo realizada pelo leitor-olhador e, ainda, com a compreensão dos motivos pessoais do etnógrafo-fotógrafo. Reunidos estes três elementos de um mesmo processo, a imagem fotográfica presente em um texto, ou ela própria realizada como um texto, poderia transitar de um mero recurso de informação complementar a um componente lógico, crítico e também poético na leitura de um trabalho como uma outra esfera de interpretação. Uma obra etnográfica que, lida em sua dimensão devida, dialoga com as imagens contidas nas palavras e nelas sugeridas (BRANDÃO, 2004. p. 09)

Dessa forma, ao fazer o exercício de dizer com a imagem, as palavras e imagens devem dialogar entre si, passando a ser vistas e lidas ao longo do texto. Escrevendo também através das imagens, somos levados a encarar a fotografia como um meio de produzir novas formas de ver e sentir. Houve também um tratamento em cima das imagens utilizadas na narrativa, no intuito de favorecer a harmonia visual, já que algumas imagens mais antigas tinham uma qualidade menor e apresentavam discrepância de cores, assim optou-se pelas imagens em preto e branco.

Convido o leitor para seguir comigo.

CAPÍTULO I ANTES ERA A VEROCA⁶

Quando boiava, linda, lá no azul celeste,
A Lua peregrina, alcovitando amores,
Quanta felicidade, ó Vera Paz, nos deste,
Ao som dos violões e à voz dos teus cantores!

Nas cinzas do que foi, quase a chorar, ingresso
Todo um passado fica para sempre morto,
Porque, como um tributo pago ao tal “progresso”,
A nossa Vera Paz deu vez ao Cais do Porto!

Contudo, que fazer? O fato consumado
Aí está, pungindo as almas santarenas.
Pior ainda: a esteira do trator malvado,
Não matará (ó meu Deus!) a Vera Paz apenas!

Também já vão sumindo impiedosamente
(Para não blasfemar, só tendo muita fé!)
Outros velhos xodós do coração da gente:
Laguinho...Mapiri...Adeus, Maria José!

O nosso enlevo foste! Oh! Que cartão-postal!
Por isso é que dói tanto a amarga realidade:
A mais inspiradora praia regional
Hoje é lembrança...verso...lágrima ...e saudade
(Maldito tributo – Wilson Fonseca)

Fotografia 3 – Praia da Vera Paz em 1980



Fonte: Acervo Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS). Blog do padre Sidney Canto (2016)⁷.

⁶ Maneira de falar que alguns antigos moradores usam para se referir a praia da Vera Paz com carinho e saudade

⁷ Disponível em: <http://sidcanto.blogspot.com.br/2016/04/a-saudosa-praia-da-vera-paz-no-ano-de.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

Onde antes era situada uma das praias de mais fácil acesso à população da cidade de Santarém, a praia da Vera Paz, popularmente chamada de “Veroca”, lugar de lazer, pesca e campeonatos de futebol, agora é conhecido como bosque Vera Paz. O local foi alvo de grande disputa territorial quando este patrimônio de inestimável valor sociocultural se viu impactado pela instalação do terminal fluvial de granéis sólidos, da multinacional Cargill. Hoje o que vemos no local é um complexo de estruturas portuárias e de armazenamento situados à margem direita do rio Tapajós.

Nesse processo, famílias ribeirinhas foram retiradas de suas moradas à beira do rio, onde plantavam e pescavam seus alimentos e empurradas para a periferia, enquanto a paisagem que temos hoje do lugar se construía. Nos anos 90, na praia, viam-se banhistas, areia branca, muitas árvores frutíferas e barracas de venda das mais diversas. Aos fins de semanas, era palco de campeonatos das famosas peladas de futebol.

Ao longo dos anos, essa imagem foi dando lugar ao embarque e desembarque de grandes peças de madeira e, cada vez mais, embarcações de grande porte foram tomando conta do local. A areia mudou de cor, Santarém passou por um processo de crescimento, a área em torno da praia foi aterrada para dar lugar à construção de bairros, ruas e casas, o campo de futebol sumiu. Devido às nuvens de fuligem da soja e do milho, já não se enxerga ou respira como antes.

1.1 Contexto histórico de Santarém

Santarém foi usada como base de controle e expansão de território dos portugueses na região, principalmente por sua localização privilegiada às margens do rio Tapajós. Durante o período colonial Santarém serviu como base para o desenvolvimento de diferentes produtos da região, como as drogas do sertão, o látex e a juta. Dessa forma, a cidade ganhou certa centralidade tanto econômica quanto política no decorrer de sua estruturação, sendo essa forjada intensamente pelo processo de conquista e exploração europeia do século XVI.

Segundo Costa, T. (2012), o espaço amazônico era organizado a partir de estratégias de dominação e controle do território, que teve como base a edificação de fortes, desempenhando as funções de defesa, penetração e conquista política do espaço regional. E ainda, a criação de aldeias missionárias, sobre as quais as ordens religiosas possuíam total controle social e econômico.

Os padres jesuítas associados ao império português, fundaram a missão do Tapajós

considerando a grande dimensão populacional dos Tapajó. Já na segunda metade do século XVIII, a missão se tornou vila, e há um acentuamento na diferenciação do espaço e no processo de miscigenação, de um lado ficavam os portugueses e seus descendentes, e de outro os indígenas, no bairro hoje conhecido como Aldeia.

Fotografia 4 – Vista das praias do antigo bairro aldeia em 1899



Fonte: Acervo Padre Sidney Canto – Blog Você se lembra? (2013)⁸.

No início do século XX, Santarém possuía apenas dois bairros os quais constituíam a cidade, o bairro da Aldeia e o da Prainha. Com o crescimento da área urbana, esses dois bairros se subdividiram dando origem a outros, o bairro da Aldeia foi o que mais cresceu e se subdividiu, dele vieram os bairros de Fátima, Aparecida, Rodagem, Liberdade, Caranazal, Salé e Laginho.

O naturalista e explorador inglês Henry Bates descreve o que viria a se tornar a área do porto da seguinte maneira:

Estava situada após “dois laguinhos”, com uma “praia plana e coberta de árvores, que formam um belo bosque. Depois desse bosque há um trecho de praia arenosa; o terreno ali é alto e rochoso, e o cinturão de mata que margeia o rio é muito mais largo nesse trecho do que em outros lugares. Finalmente, depois de se contornar um escarpado penhasco, alcança-se a enseada de Mapiri” (Bates 1979 [1876]).

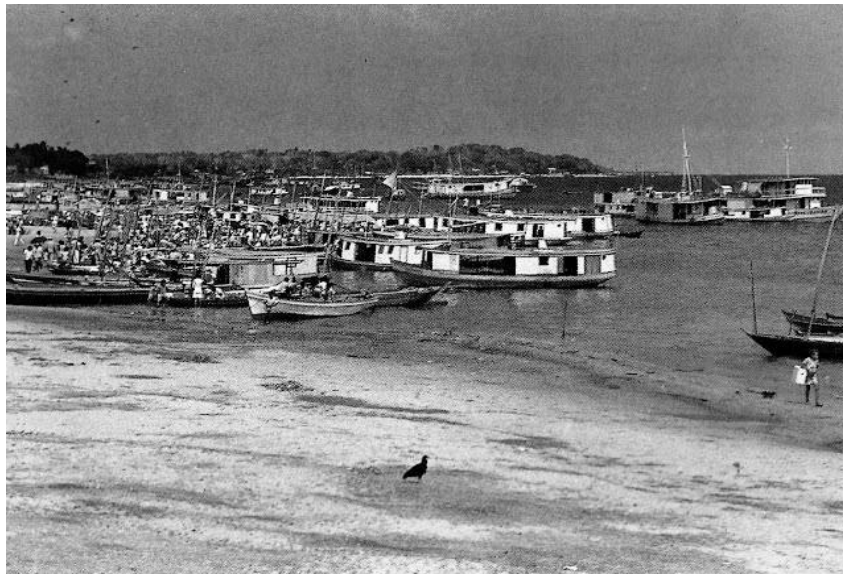
Segundo Alves (2012), esses “laguinhos” eram poços rasos que se uniam durante o

⁸ Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2013/09/vista-da-praia-em-frente-santarem-1899.html>. Acesso em: 15 fev 2022

período de cheia do rio e a mata descrita por Bates constituía-se na vegetação antropogênica que ocupava a orla da cidade.

Portanto, a formação histórica da cidade é dividida em duas fases, a inicial entre os séculos XVI e XVII, onde havia os contatos coloniais pautados na dominação indígena e, a segunda, relativa à formação urbana, o qual foi definida por relações sociais pautadas na segregação sociocultural. Assim, essas configurações e transformações marcam profundamente a formação da paisagem santarena, ao exemplo da área portuária que se assentou sobre a antiga praia da Vera Paz, o qual foi reordenado pela lógica do capital privado, impactando diretamente na comunidade que vivia ali.

Fotografia 5 – Cartão postal de Santarém, ao fundo a antiga praia da Vera Paz em 1968



Fonte: Blog Você se Lembra? (2016)⁹.

A partir da década de 60, com o início do processo de integração da Amazônia ao espaço nacional e mundial, a cidade também foi alvo de políticas desenvolvimentistas implantadas pelo governo federal. Neste processo de expansão urbana grandes projetos de infraestrutura foram feitos na região, a exemplo de implantação de aeroportos, rodovias, hidrelétricas e portos. Houve também a criação de polos de desenvolvimento criado e fomentado pelo Estado brasileiro, a exemplo o Trombetas e, o Tapajós, com a abertura da BR-163, sendo uma rodovia que conecta áreas importantes de produção agrícola e de elevado potencial ligando Santarém a Cuiabá.

⁹ Disponível em: http://ignacioneto.blogspot.com/2016/01/cartao-postal-de-santarem-1968_24.html. Acesso em: 16 fev 2022.

Logo em 1996, o movimento de avanço da soja na região se intensificou com a chegada dos primeiros sojeiros e devido a assinatura do contrato de concessão de instalação do terminal fluvial de granéis sólidos da multinacional Cargill S.A pela Companhia Docas do Pará (CDP).

Para Costa, S. (2012, p. 31):

(...) o crescimento dos plantios de soja na Amazônia é fruto de uma estratégia expansionista do agronegócio assentada em quatro elementos: a migração especializada; o mercado de terras; a infraestrutura logística de transporte para o escoamento da produção e a influência do fator ambiental na organização da atividade produtiva.

Santarém passa a ser incluída nas principais rotas de escoamento do país, e centro de intensa expansão da cultura de soja, porém esse movimento, em larga ou pequena escala, subverte e prejudica a vida humana e não-humana do lugar onde se encontra, seja no urbano ou no rural, afetando o cotidiano da sociedade local no qual está inserida em diversas áreas, como por exemplo, a social, a econômica e a política que subvertem e prejudicam a vida e a cultura. Portanto, há a necessidade de estudar, analisar e debater tais impactos e conflitos, com o intuito de refletir sobre o desenvolvimento local e as políticas públicas efetivas para a resolução dos problemas sociais produzidos e reproduzidos nas cidades amazônicas.

Fotografia 6 – Vera Paz, em 1996



Fonte: Acervo José Gumercindo Rebelo – Blog Você se lembra? (2015)¹⁰.

A partir das novas rodovias de acesso à hidrelétrica de Curuá-una, ao aeroporto e a

¹⁰ Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2015/01/antiga-praia-da-vera-paz-1996.html>. Acesso em: 16 fev 2022

rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), a cidade de Santarém teve sua expansão definida pelos contornos, nessa fase não se debatia a estruturação da cidade, apenas que pudesse servir como suporte para ser um ponto de controle. Segundo Gomes e Cardoso (2019), os espaços que antes abrigavam outros modos de vida que dependiam da terra tornam-se invisíveis e incompreendidos e passam a ser interpretados como a periferia precária da cidade capitalista.

Durante o período posterior à instalação do terminal da multinacional, a área ao bairro do Laguinho passou por um processo intenso de gentrificação, no qual a chave desse processo seria o poder político e o poder de produção, visto que isso ocorreria como uma maneira das elites locais e famílias herdeiras expressarem de maneira simbólica seu poder sobre os espaços, ressaltando a diferença de classe.

De acordo com Gomes e Cardoso (2019), à medida que avançou a correspondência entre espaço de produção e espaço de poder e deixou de existir disputa de territórios, as estruturas físicas de forte poder simbólico tornaram-se restritas aos espaços de poder, admitindo o tratamento do espaço restante como periferia, normalmente apresenta claras evidências de sua subordinação ao modo de produção hegemônico, visto que novas tipologias espaciais e construtivas emergem na paisagem (Cardoso et al., 2017).

Em Santarém, as manifestações de diversidade assumem diferentes formas de resistência pelas comunidades ribeirinhas e extrativistas, bem como pelos povos indígenas e quilombolas, manifestações que são vinculadas ao passado e, que podem ser tomadas como exemplos de equilíbrio em arranjos para um futuro que não acabe com nossos rios e florestas. Dessa maneira, a cidade resiste apesar de sujeita a fortes dinâmicas globais. O paradigma industrial acaba não proporcionando nenhum benefício aos grupos que não estão participando dessa dinâmica capitalista. Porém, agrava disputas e controle de terras, redução da biodiversidade, contaminação de rios, alteração do regime hídrico.

Durante a expansão urbana, nos arredores de onde se instalou o Terminal fluvial de granéis sólidos da Cargill, havia o rio Tapajós como limite natural, rio este que funcionava como obstáculo a essa expansão, um limite que acabou sendo extrapolado. Hoje assistimos a empresa graneleira tomar conta de mais da metade da margem direita do Tapajós, evidenciando que para a expansão do capital, o Tapajós é a continuação dessa via expansionista.

Fotografia 7 – Terminal avançando sobre o rio



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021).

Para Gomes e Cardoso (2019), a manutenção desses limites naturais por séculos demonstra a sua relevância para o cotidiano da vida das pessoas e a preservação da herança de parte da população local da interdependência com a natureza (espaços de lazer, sociabilidade e produção familiar), não reconhecida como relevantes pela fase urbano-industrial do capitalismo.

1.2 A Construção do Terminal da Cargill

A paisagem atual da área do Porto começa a ser formada a partir das demandas políticas e econômicas do regime militar brasileiro, o qual carregava o discurso de integração da Amazônia à sociedade nacional, iniciado com construção de rodovias, sendo a rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163) um dos projetos desenvolvidos.

Nesse contexto, o porto de santarém é inaugurado em 1974, propondo ser a conexão entre as zonas de produção de grãos e mineradora do centro-oeste do país e o Porto de Santos (SP) e de Paranaguá (PR), além de ser o porto brasileiro mais próximo dos Estados Unidos. Localizado na antiga praia da Vera Paz, na margem direita do Tapajós, bem de encontro com a rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), tendo conexão com a rodovia BR-230 (Transamazônica), e também sendo possível o acesso fluvial através do rio Amazonas.

Em Santarém, a modernização do espaço acaba impondo padrões de circulação que determinam o aparecimento de novas atividades, bem como o desaparecimento de outras, da mesma forma estabelece impactos, a partir da desarticulação de atividades e consequentemente dos modos de vida. A partir de 1960, percebe-se uma transformação no padrão de ocupação e organização do espaço regional, anteriormente havia uma dinâmica no qual cidades surgiam e se desenvolviam essencialmente ligadas ao rio, agora as rodovias serviam como fator principal na estruturação dessa fase de expansão e modernização da região.

Fotografia 8 – Vista aérea cais do porto em 1970



Fonte: Acervo Neide Lira – Blog do padre Sidney Canto (2018)¹¹.

A expansão amazônica apresentou estreitas relações com a intervenção estatal, o qual direcionava políticas que visavam a ocupação, integração e o desenvolvimento regional. Com isso, houve a abertura de rodovias como a BR-163 (Cuiabá-Santarém), instalações de redes elétricas e de telecomunicações, e políticas de incentivo à migração induzidas e financiadas pelo estado, visando ocupar o chamado vazio demográfico da região.

Ademais, essas políticas que incentivam a expansão dessas fronteiras econômicas para a região deixaram suas marcas no espaço regional através de sérios conflitos sociais e diversos problemas socioambientais, tais como expropriação da agricultura familiar e expulsão do trabalhador do campo que se dirige para os centros urbanos, provocando, com isso, avanço demográfico

¹¹ Disponível em: <https://sidcanto.blogspot.com/2018/01/vista-aerea-do-cais-do-porto-de-santarem.html>. Acesso em: 19 fev 2022

e crescimento acelerado e desigual das cidades da região, provocando, assim, surgimento de áreas periféricas desprovidas de serviços básicos e essenciais à reprodução da vida urbana. (COSTA, T. 2012)

Neste período, a urbanização da cidade é marcada por profundas relações com a intervenção do estado, através de projetos de desenvolvimento e abertura da fronteira urbana regional, projeto que foi assegurado por estratégias como o incentivo a migração induzida e financiada pelo estado, o controle de terras, incentivos fiscais e créditos especiais no intuito de subsidiar a implantação de empresas agropecuárias tanto nacionais quanto internacionais.

Durante o projeto de integração e ocupação da Amazônia, o Estado atuou criando condições e incentivos para o avanço da fronteira agrícola do país, lideradas por produtores que foram atraídos para a região por conta do baixo custo de terras e o potencial do solo para a produção de grãos, entre eles, a soja. A região de Santarém apresentava características que se mostram interessantes para a expansão das atividades agrícolas, como por exemplo a grande facilidade de escoamento da produção, seja pelas rodovias ou pelos rios.

Em 1974, no mesmo local no qual ficava localizado parte da extinta praia da Vera Paz, onde algumas famílias possuíam casas de palafitas, sítios e casas de praia, é instalado o cais do porto de Santarém. O porto da Companhia das Docas do Pará (CDP), de jurisdição federal, é um dos portos de maior movimento na cidade, e está localizado ao final da rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém) indo bem de encontro com o rio. Possui capacidade para a acostagem de navios com calado de 10 metros no período de maior estiagem e até 16 metros no período de cheia dos rios. Dispõe de uma extensão acostável de 520 metros, da qual 380 metros, no píer.

A partir de 1999, com o arrendamento de lotes nas proximidades do porto, inicia-se a construção do Terminal Fluvial de Granéis Sólidos da Cargill em Santarém. Em 2003 é inaugurado o Terminal, trazendo grandes manifestações sociais e ações judiciais por conta de problemas com o licenciamento ambiental da empresa. A grande questão foi a necessidade da elaboração do Estudo de Impacto Ambiental e seu Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) na área, o qual só foi desenvolvido anos mais tarde, em 2007 (TERRA DE DIREITOS, 2021).

Partindo da instalação do terminal da Cargill em Santarém juntamente com a construção de silos de armazenamento de grãos, o município perdeu uma das principais áreas de lazer acessíveis a população, a praia da Vera Paz, conhecida também como Veroca pelos seus frequentadores mais assíduos. Ademais, a instalação da estrutura do terminal e seus silos em cima da grande extensão do antigo campo de futebol da extinta Vera Paz representou a destruição de parte de um dos maiores sítios arqueológicos da região, localizado entre os bairros

do Laguinho, Salé e Mapiri, no sítio Porto há vestígios de ocupação pré-colombiana do território de cerca de 10 mil anos. Com isso, atestando ainda mais o desrespeito a ancestralidade dos povos da região.

A empresa multinacional Cargill Agrícola S/A passou a operar numa área de 4.545 hectares, exportando parte da produção de grãos de Mato Grosso e tendo como eixo de escoamento terrestre a rodovia federal Cuiabá-Santarém (BR-163). A localização do porto está em um ponto estratégico, pois ao facilitar o escoamento de grãos, resulta no barateamento dos custos de produção (PEREIRA, 2004 apud COSTA, T., 2012, P. 60).

Atualmente, o Terminal movimenta soja e milho, operando por meio dos modais rodoviário e hidroviário: mais de 95% dos grãos viaja de Mato Grosso até Porto Velho (RO) ou Miritituba (PA) em caminhões, onde são posteriormente transportados para as barcaças que seguem até Santarém, outros 5% chegam ao terminal em caminhões vindos diretamente do estado do Mato Grosso pela Br 163 ou ainda da produção local.

Dessa forma, observa-se que a instalação do porto ocorreu sem o estudo prévio necessário, e apesar de todos os impasses da época, a empresa conseguiu sua permanência na cidade, principalmente através do apoio das elites locais e do Estado.

Com o avanço das construções, a empresa passou por cima inclusive da legislação que determina a obrigatoriedade do Estudo de Impactos Ambiental – Relatório de Impactos Ambientais (EIA/RIMA)¹² antes da execução de qualquer projeto. Com a violação desse direito, o sítio arqueológico localizado na praia foi parcialmente perdido, porém as organizações sociais da época reivindicaram esse direito e exigiram a retirada dos vestígios arqueológicos. Imediatamente a Cargill recorreu, e assim as escavações foram feitas à medida que sua estrutura estava sendo construída. (PIMENTA et al., 2018)

A empresa manteve o grande interesse em exportar pelo Terminal de Santarém principalmente por conta da posição geograficamente estratégica e da facilidade da logística, visto que o porto ocupa a margem do rio possibilitando a navegação de navios de exportação de grande porte do tipo Panamax.¹³

Com isso, Santarém passa a ser incluída nas principais rotas de escoamento do país, e

¹² O Estudo de Impacto Ambiental - EIA é um dos instrumentos estabelecidos no âmbito da Política Nacional do Meio Ambiente para o licenciamento de atividades modificadoras do meio ambiente, especialmente no caso de obras e atividades com grande potencial de causar degradação. Assim, a legislação brasileira determina a preparação de um documento resumido e em linguagem acessível, denominado Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, para que a comunidade envolvida possa tomar conhecimento do conteúdo do EIA e participar do processo de licenciamento ambiental, com críticas e sugestões.

¹³ Panamax é o termo que designa os navios que, devido às suas dimensões, possuem o tamanho limítrofe máximo para passar nas eclusas do Canal do Panamá, o que significa um comprimento de 1000 pés (305 m), uma largura de 110 pés (33,5 m) e uma profundidade de 85 pés (26 m).

centro de intensa expansão da cultura de soja, porém, esse movimento, em larga ou pequena escala, subverte e prejudica a vida humana e não-humana do lugar onde se encontra, seja no urbano ou no rural, afetando o cotidiano da sociedade local.

1.3 A praia da Vera Paz

Fotografia 9 – Barracas na praia da Vera Paz



Fonte: Blog Você se lembra? (2014)¹⁴

O porto de Santarém, administrado pela Companhia Docas do Pará, vem sendo um dos investimentos de infraestrutura destinados a atender os fluxos econômicos que avançam em direção à Amazônia, direcionados pelo capital internacional. Dessa forma, o contexto histórico e político tem relação imediata com as transformações na paisagem da área. Visto que, toda a estrutura está na área onde se encontrava antiga praia da Vera Paz, a construção na área reservada para a ocupação portuária ocasionou desocupação de moradores e comerciantes, bem como os aterramentos comandados pela empresa.

Após essas modificações iniciais na área portuária, a Companhia Cargill Agrícola S/A arrendou o lote, para a implantação de seu terminal fluvial¹⁵. Suprimindo e aterrando a praia, havendo hoje apenas um trecho remanescente integrado ao projeto urbanístico da cidade, o

¹⁴ Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2014/10/santarem-saudosa-praia-da-vera-paz.html>. Acesso em: 10 mai 2022

¹⁵ Em 2002 a Cargill venceu leilão para a construção de terminal graneleiro no Porto de Santarém, iniciando suas atividades em 2003. Seu prazo de arrendamento é de 25 anos (CPEA/Cargill 2010)

Bosque Vera Paz. Esse processo levou à supressão da vegetação e perturbação da fauna, interferindo na sedimentação fluvial e no patrimônio arqueológico, causando impactos diretos na paisagem dessa região às margens do rio Tapajós, o qual antes era ocupado por populações locais.

Dona Ninita, tem 71 anos e atualmente mora no bairro do Laguinho, mas antes da chegada da Cargill ela morava na “cabeceira” de uma serra que ficava logo acima da praia da Vera Paz. Segundo ela a praia era muito bonita e servia como moradia para algumas famílias e lazer para a população em geral, contudo com o avanço da cidade e o descaso das autoridades em preservar o local, a praia passou a ser reduto de crimes e contrapontos que foram usados como desculpa para a submersão do lugar e a construção da Cargill. (PIMENTA et al., 2018)

O espaço anteriormente de uso coletivo, fora privatizado por empresas diversas sob o instrumento jurídico do arrendamento. Essa incorporação ao discurso do grande capital implicou na supressão drástica de elementos da paisagem anteriores, sejam elas as pré-colombianas ou as do período recente de ocupação (SCHAAN, 2010).

As transformações na paisagem e de natureza das atividades realizadas na área portuária, ligadas de forma direta aos deslocamentos e impedimentos de práticas dos moradores do bairro do Laguinho, são observadas além do aspecto da perda do espaço, pois com a perda do espaço há também a perda dos hábitos cotidianos do lugar.

“Eu mesma cheguei a ir brincar na praia quando ainda dava, mas aos poucos fomos perdendo todo o espaço, até que a Cargill tomou conta de tudo e acabou com a praia e com o campo de futebol da comunidade para fazer um estacionamento de carreta” (D. Maria, citada em SCHAAN, 2010)

A praia da Vera Paz e o campo de futebol existentes, agora ocupados pela Companhia Docas do Pará e a Cargill, eram os espaços privilegiados de sociabilidade desses moradores do Laguinho, além de ser ponto de referência aos santarenos de outros bairros (SCHAAN, 2010).

No estudo, Saudades da Veroca, seu Carlos da Silva (*In memorian*) relata que:

Havia uma necessidade nesse início de criação de laços entre os moradores e principalmente os jovens que por muitas vezes se perdiam nas drogas (...) para preencher os finais de semana com alguma atratividade para as famílias, iniciaram no ano de 1982 campeonatos de futebol na praia de Vera Paz. Ponta Negra, Laguinho e Santarém Júnior foram alguns clubes dessa época. Com o tempo essa pequena iniciativa tornou-se um grande marco para a sociedade santarena, ampliando a participação para clubes de diversos bairros, tais

times como: Mapiri, Cristo Rei, Salvação, Grêmio, Tiradentes e Serrinha. (PIMENTA et al., 2018)

Os moradores locais não têm mais acesso para aquele espaço que durante um bom tempo foi tão importante na vida social santarena, para onde dezenas de poemas e canções haviam sido dedicados, agora os banhistas e ribeirinhos não teriam mais onde nadar ou atracar seus barcos e canoas.

A antiga praia da Vera Paz foi um dos principais impasses à época da construção do terminal graneleiro, sendo uma praia bastante popular, era muito frequentada e acessível a população da periferia da cidade, assim a construção do porto teria servido para extinguir definitivamente o uso daquele espaço de maneira recreativa.

Sua família veio morar em Santarém em 1967, e sua mãe decidiu morar na beira da praia da Vera Paz, a “Veroca”, devido a abundância da água (...) as casas eram de “madeira com assoalho alto” e nos finais de semana várias famílias da cidade iam pra Veroca para se divertir. Dona Osmarina nos contou que os torneios de futebol eram momentos para a confraternização dos moradores, ela tinha um time: O Canarinho. E seu Anacleto tinha: o União. Ela era costureira e fazia as roupas do time e ajudava com as roupas das crianças do bairro, já seu Anacleto trabalhava em uma madeireira e pescava para complementar a renda. Dona Osmarina e seu Anacleto criaram seus oito filhos na beira da praia, todo domingo de manhã iam para a missa de São Raimundo, e depois da missa iam para casa e assavam peixe com seus familiares e vizinhos. Quando tiveram que mudar esse costume de se reunir ficou somente entre familiares, pois os vizinhos se dispersaram, e ao invés de assar peixes passaram a fazer feijoada aos domingos. (D. Osmarina citado em PIMENTA et al., 2018)

Além das brigas judiciais, houve também mobilizações sociais e manifestações contrárias a implantação do terminal, havendo a necessidade de se criar uma nova imagem da Cargill diante da população local e mundial, para desconstruir a de exploradora e prejudicial para o meio ambiente e para a região norte, foi então que a partir desse objetivo foi idealizado conjuntamente entre a empresa e a prefeitura municipal a criação e construção do Bosque Vera Paz.

Em 2005, houve uma reforma e requalificação da orla de Santarém, a prefeitura municipal conjuntamente com a Companhia Docas do Pará e a Cargill lançam o projeto Bosque Vera Paz, com a intenção de resgatar a relação de proximidade entre a população local com o que restou da referida praia e sua importância para a vida urbana santarena, sendo responsável assim por recriar espaços urbanos enquanto a população local assiste aos processos de produção do espaço ao longo dos anos.

Fotografia 10 – Bosque Vera Paz em 2021



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

Uma busca rápida em sites de pesquisa podemos acompanhar um pouco da história que se desenrolou no fim dos anos 90 e todas as suas implicações até os dias atuais. A praia da Vera Paz era facilmente lembrada como uma das praias de mais fácil acesso à população da cidade, lugar de lazer, onde se pescava e havia campeonatos de futebol, agora abriga um dos maiores portos de exportação de soja da região.

Não busco aqui apontar vilões ou culpados, apenas gostaria de identificar um contínuo de perturbação no qual o ambiente situado aqui perpassa. Dessa maneira, famílias ribeirinhas foram retiradas das suas moradas à beira do rio, onde plantavam e pescavam seus alimentos, empurradas para a periferia, enquanto a imagem que temos hoje do bosque Vera Paz se construía.

CAPÍTULO II

O RIO QUE EMBAÇOU NO HORIZONTE

O progresso foi chegando
E eu nem sei direito quando
A tristeza aconteceu.
Cais do Porto, essa esperança
Dos meus tempos de criança
Hoje é sonho que viveu!
Mas, enquanto se trabalha
O reverso da medalha
Amargura uma cidade:
Nossa praia acolhedora,
Vera Paz encantadora,
Lá se foi, virou saudade!

Violões não mais terás
Adeus, linda Vera Paz!

Nem serestas, nem luares
Violão, se tu chorares,
Também choro, não resisto.
Modernices são bem vindas,
Mas destroem coisas lindas
Quanta mágoa eu sinto disto!
Nos arquivos da memória
Incluí mais uma história
Desta vida tão fugaz:
Chegará bem mais conforto
Nos navios do Cais do Porto,
Mas...findou-se a Vera Paz!
(Adeus, Vera Paz – Wilson Fonseca)

Fotografia 11 – O sol se pondo em meio às estruturas do Terminal



Fonte: Acervo Bárbara Vale (2020)

Segundo Pereira (2013), a “fala do desenvolvimento” produz um sentido de Amazônia que a associa ao vazio sociocultural e demográfico, a uma natureza abundante e selvagem que precisa ser incorporada ao desenvolvimento nacional por meio do projeto de modernização capitalista para a região. Com tal característica também se refere às pessoas que vivem e habitam aquele local, pois essas em vista da lógica capitalista seriam incapazes de transformar em riqueza econômica o patrimônio natural que detém. (PEREIRA, 2013, p. 130)

Como exposto no capítulo anterior, durante o período posterior à instalação do terminal da multinacional, a área ao bairro do Laguinho passou por um processo intenso de gentrificação, no qual a chave desse processo seria o poder político, visto que isso ocorreria como uma maneira das elites locais expressarem de maneira simbólica seu poder sobre os espaços, ressaltando a diferença de classe. Mas quais seriam os fatores que levaram o lugar onde abrigava a antiga praia a ser massacrado pelas próprias pessoas que lá habitavam?

Com o aterro do que restou da praia da Vera Paz e o deslocamento das famílias que ali moravam, o fim dos campeonatos de futebol, muitos se dispersaram para outros bairros e cidades próximas, os encontros entre os moradores ficaram limitados às próprias famílias. Diversos moradores viviam do que ali plantavam e vendiam, como frutas e hortaliças e, tiveram que buscar uma alternativa de renda. Desse modo, acabou por desfazer gradativamente as redes de sociabilidades dos moradores, bem como, a falta de alternativa de lazer e o abandono do lugar, em relação à coleta de lixo e a iluminação e segurança pública, surgiram como principais pontos favoráveis ao uso do lugar pela empresa Cargill.

Nos relatos que serão expostos no próximo capítulo, é notável como os moradores atrelam a chegada da empresa com a redução da violência em vias públicas, bem como a redução de assaltos e furtos em suas casas. A chegada de luz na área onde havia a antiga praia Vera Paz também segue vinculada a chegada do progresso, hoje não se vê o céu estrelado a margem direita do rio Tapajós sem observar também as centenas de luzes que se encontram ao longo de toda a estrutura do terminal.

Fotografia 12 – Terminal da Cargill a noite visto do bosque Vera Paz



Fonte: Site rede Brasil atual. Acervo Pedro Alcântara/M'bóia (2021)¹⁶

A antropóloga Anna Tsing aponta que de maneira recorrente usamos o termo paisagem como sendo um pano de fundo para a ação humana, ao passo que deveríamos considerá-las como espaços de habitabilidade mútua. Para Tsing (2019), as paisagens são assembleias trabalhando em coordenações dentro de uma dinâmica histórica. Dessa forma, a coordenação seria a lente necessária para observar e dar atenção a todas as relações, humanas ou não humanas. Segundo ela, o modo como o humano se relaciona com a paisagem, chamado de “perturbação”, deixa rastros e, seguir esses rastros é uma maneira de fazer da paisagem um protagonista dinâmico dessas histórias.

Ali, o rio encontra com o bosque abandonado pelos cuidados humanos, encontra com os resíduos humanos de exploração do ambiente chamado de lixo, encontra com o cemitério de embarcações abandonadas e os pescadores que ainda vão arriscar pescar e vender o fruto de seu trabalho, encontra com os animais que ali obtiveram abrigo como, por exemplo, os gatos.

¹⁶ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/07/entenda-como-o-porto-da-cargill-no-para-ameaca-terras-e-quilombos/>. Acesso em: 06 jun 2022.

Fotografia 13 – Canoas abandonadas no bosque

Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

Por ali passam diariamente pessoas que caminham na orla da cidade, corredores, ciclistas e pescadores. Ao entendermos isso, podemos experimentar uma perspectiva que mude a dinâmica do lugar. A praia se tornou Bosque e se viu necessário pensar sobre as transformações ocorridas na paisagem.

Temos aqui convivido com a demonstração mais próxima da perturbação da paisagem, nos termos de Tsing (2019), do que se pode compreender. Hoje, o porto da Cargill ocupa mais da metade da margem direita da orla da cidade de Santarém. A memória do que era não desaparece, ela resiste assim como a conexão que existia anteriormente aparece hoje de outras maneiras.

Ao andar de bicicleta pela orla que está sendo reformada desde de 2018, ao final da margem direita chega-se na área conhecida como bosque Vera Paz, onde observo calmamente o rio na época da cheia, rio esse que nunca cansa de tentar chegar no lugar que sempre lhe pertenceu e de onde o expulsaram ao aterrar grande parte do que hoje é conhecido como bairro do Laguinho.

Fotografia 14 – Acúmulo de lixo em meio ao bosque



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

Aqui, em época de cheia, era possível avistar um lago onde famílias inteiras residiam e faziam dele seu quintal. Santarém, cidade conhecida por seus moradores por abrigar o pôr do sol mais bonito do Brasil, deixou o sol dividir o horizonte com máquinas pesadas quando abriu caminho para a multinacional se instalar na frente de nossa casa. Hoje, ao caminhar pela orla é inseparável a visão, primeiro se vê o maquinário, depois você pode tentar com algum olhar mais atento admirar o pôr do sol.

Ao longo desses anos, os moradores foram se habituando aos poucos a não estranhar partilhar o pôr do sol com as mega esteiras e os armazéns de silos da Cargill. Paisagem naturalizada, agora parece mais como parte da composição, uma ao lado da outra, em uma fusão que apenas o capitalismo e a chamada modernidade seria capaz de prever. Aquele pedaço de terra, assim como grande parte da nossa região foi tomado das pessoas que ali faziam morada, e com ele um pedaço da história das populações que aqui habitavam foi invisibilizado.

Fotografia 15 – O rio e o lixo acumulado



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2021)

2.1 Memória como resistência

Neste trabalho, seremos guiados através dos relatos de vida dos moradores do bairro do Laguinho, seguindo as ferramentas teóricas de Bosi (2003), a qual nos fala sobre a importância do estudo do passado recente, e como a memória oral é um importante instrumento de constituição do cotidiano, visto que pode funcionar como elo entre diferentes temporalidades. A autora também afirma que a formação da identidade se alimenta intensamente dos vínculos com o passado.

Dessa forma, a história cotidiana de pessoas comuns não deve ser entendida como contrária à versão da história contada por livros ou na sala de aula, visto que ao contar suas histórias de vida, cada pessoa foca e expressa “suas paixões individuais”. Assim, os esquecimentos e as variadas visões de mundo também se tornam significativos na construção do que se desenrolou na trajetória histórica do cotidiano, partindo das diferentes experiências de pessoas que compartilharam o mesmo acontecimento.

Portanto, vê-se necessário ao trabalhar os relatos de vida uma certa sensibilidade no processo de tentar reconstruir os dados devido a essa complexidade. Algo que ficou muito evidente desde o meu primeiro contato pessoal com os moradores após o início da pandemia, pois muitos discordavam em relação a maneira como a extinção da praia se deu e principalmente sobre as transformações ocasionadas pela implantação e operação do terminal da Cargill ter sido algo bom ou ruim para a população local.

Outro ponto interessante abordado por Bosi seria a problemática do desenraizamento,

que trata a questão de mobilidade imposta pelo sistema capitalista aos indivíduos, ao afastarem ou dificultarem a sua permanência em casas ou bairros que guardam experiências, emoções, sons e imagens, estes passam a ter os espaços e objetos apenas para função de consumo.

Para Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória individual e coletiva, em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente, e em segundo, os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, pelo grupo ou pela coletividade ao qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992). Além disso, como elemento constitutivo, há também os lugares. Segundo o autor, existem lugares de memória, lugares estes que são particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal mas também pode ser apoiada no tempo cronológico e vivida coletivamente, aqui destacamos o caso da antiga praia da Vera Paz.

Desse modo, escre(ver) a memória tornou-se algo recorrente no fazer antropológico, como modo de preservação cultural diante de intensos processos de transformação que a sociedade enfrenta. Neste trabalho, o papel da memória foi importante para reconstruir e organizar parte da história do lugar, possibilitando entender fatos que não poderiam mais ser observados.

Hoje o sentimento que perpassa ao se caminhar no trajeto que se refere ao fim do calçadão da orla e a chegada ao bosque Vera Paz, indo de encontro com o terminal é de que a memória da praia que existia ali ainda está lá, seja através das embarcações e canoas abandonadas, da vegetação do lugar ou da circulação de pescadores e antigos moradores no quais se pode facilmente iniciar uma conversa sobre a veroca, nesse caso, o uso da memória oral é visto essencialmente como resistência política, já que o passado narrado assume o lugar de resistência frente a ameaça de desenraizamento.

2.2 Paisagem como protagonista dinâmico

Fotografia 16 - Vista aérea da onde hoje se situa o bairro do Laguinho em época de cheia, 1953.



Fonte: Blog Você se lembra? (2012)¹⁷

Aqui busco utilizar a ideia de paisagem proposta por Ingold, abordando através de uma perspectiva não dicotômica a ligação entre as relações humanas e as relações ecológicas que envolvem a ação de não humanos. Em sua visão, a paisagem não seria uma constante física, mas algo em transformação, imersa no fluxo do tempo, dessa forma, a paisagem extrairia seu sentido das relações em que está imersa. Partindo disso, as pessoas e as paisagens que habitam passariam por um processo de mútua constituição.

¹⁷ Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2012/11/santarem-vista-aerea-do-laguinho-decada.html>. Acesso em: 12 abril 2022

Fotografia 17 - Vista aérea terminal da Cargill e bairro do Laguinho, 2010



Fonte: Blog do Miguel Oliveira (2012)¹⁸

Portanto, se as relações sociais e as transformações da paisagem estão interligadas, o que colabora para que isso aconteça seria justamente a capacidade de elementos não humanos da paisagem fazerem história. Ao seguir as ferramentas conceituais de Tsing (2019) entendo que paisagens adentram em suas histórias por meio de perturbações, e que seguir história de perturbação é uma maneira de fazer da paisagem um protagonista dinâmico.

Ao fazer esse movimento de enxergar a paisagem como algo mais complexo do que um cenário imutável e inerte para as relações humanas, enxergamos os sentidos de resistência que vibram através dela. A paisagem sendo fonte de produção de diversidade, vai de encontro com as empresas que geram homogeneização e a simplificação da modernidade. Devido a implantação e operação do Terminal da Cargill na área da antiga praia da Vera Paz, os moradores foram gradualmente proibidos não só de habitar, mas também de realizar atividades de lazer no local.

Tsing (2019) se embasa no conceito de história como os rastros e sinais humanos e não humanos, e como estes criam paisagens. E no, de coordenação, como uma lente para se observar as coisas interagindo umas com as outras. Para a autora, as paisagens são reuniões multiespécies, práticas de possibilidades de convivência, assembleias trabalhando em

¹⁸ Disponível em: <http://blogdoestado.blogspot.com/2010/11/cargill-tera-segunda-audiencia-publica.html>. Acesso em: 14 abril 2022

coordenações dentro de uma determinada dinâmica histórica.

Busco aqui trazer o conceito de paisagem em perturbação e atribuí-lo ao que ocorreu na antiga praia da Vera Paz. O bosque Vera Paz já nasceu cercado de expectativas pelos moradores próximos e pela população em relação ao turismo e ao lazer. Porém o que se assiste hoje é um local de abandono, onde poucos pescadores tentam ganhar a vida pescando entre o lixo que se acumula em seus entornos e a nuvem de poeira que se forma em cima do rio com o manejo da soja tão próximo.

Dessa forma, pensar a paisagem partindo de sua diversidade histórica e da coexistência de temporalidades nos permite compreender melhor as transformações marcadas nas memórias dos moradores e evidentes no olhar de hoje. Pois, pensar diversidade temporal nos faz chegar na ideia de transformações e permanências nas relações dadas dentro de determinada paisagem, uma vez que ao compreendermos o processo histórico capitalista como produtor de paisagens com temporalidades contraditórias, essa perspectiva não nos deixa vermos o bairro, o terminal e o rio nem como essencialmente tradicionais e imutáveis e nem apenas como espaços totalmente transformados pelo capital.

Para Costa, T. (2012), o espaço urbano também é reflexo de uma sociedade capitalista, expressa em sua paisagem. Portanto, a profunda desigualdade social desta sociedade espelha relações profundamente contraditórias e excludentes.

Fotografia 18 – Embarcações de pequeno porte em contraste com a estrutura da Cargill ao fundo



Fonte: Acervo Bárbara Vale (2020).

2.3 A quem serve o rio?

Fotografia 19 – Grande estrutura portuária em meio ao rio



Fonte: Acervo Bárbara Vale (2020).

O avanço da produção de soja em nossa região e intensificação dos empreendimentos voltados para a produção de grãos, em razão do acesso a principais rodovias e da localização estratégica do seu porto, o qual facilita a exportação internacional do produto. Ocasinou o uso do rio por lógicas econômicas externas o qual alcançaram nossa região.

As quais se destacam as políticas desenvolvimentistas que incentivaram a criação e o asfaltamento de rodovias como a BR-163 (Cuiabá-Santarém), a instalação do Terminal da multinacional Cargill, o incentivo à navegação comercial de grande porte, e os incentivos a construção de usinas hidrelétricas ao longo do rio Tapajós e seus afluentes. O Estado surge como principal centro de viabilização desses investimentos privados ao tomar parte nesse conjunto de iniciativas na região amazônica, incentivos que são alavancados por um conjunto de interesses de setores da economia brasileira, como o agronegócio e a mineração.

O fortalecimento das chamadas agroestratégias que buscam, segundo Almeida (2010), remover obstáculos às transações de venda de terras e incentivar as possibilidades de compra e venda, ampliando as terras disponíveis aos empreendimentos vinculados ao agronegócio. Por fim, acabam desconsiderando a lógica de utilização dos recursos naturais pelas unidades de trabalho familiar, e os povos e comunidades tradicionais.

As agroestratégias direcionadas para a nossa região agem como uma forma de

compreensão das águas e de seu potencial hidroelétrico, espelhando esse processo de integração regional o qual privilegia setores hegemônicos da economia enquanto desterritorializa e desenraiza sujeitos simples, como ribeirinhos, indígenas e quilombolas, ofuscando outras maneiras de ver e usar o rio.

Há ainda outra maneira de uso do rio aliada a perspectiva do lazer, da contemplação e do turismo. Que é o que podemos assistir hoje com os projetos desenvolvidos pela prefeitura municipal em relação a Orla da cidade. As águas do rio Tapajós viram um objeto de desejo produzido por relações mercadológicas que são ligadas ao turismo, o rio se torna um local a ser observado, uma beleza a ser apreciada, a relação com o rio se dinamiza assim pela contemplação, criando distanciamento proposital entre os moradores da cidade e o rio.

Fotografia 20 – Construção da calçada da orla de Santarém, ao fundo o bosque Vera Paz e a Cargill



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2018).

No início dos anos 2000 é inaugurada a orla da cidade de Santarém, apresentando espaços para a recreação como parques infantis e quadras de esporte, bares, restaurantes, lanchonetes e um imenso calçadão que possibilita passeios a fim de contemplar a bela paisagem do rio Tapajós. As praias localizadas em frente a cidade, que até às décadas de 1970 formavam a área de contato da cidade com o rio foram de forma gradativa desaparecendo ao longo da história, conforme o comércio se consolidava e a existência dessas praias dificultava o embarque e desembarque das mercadorias.

Partindo dessas informações podemos refletir sobre como a quebra da relação dos

moradores com o rio, ocasionadas por transformações na paisagem advindas de grandes projetos executados pelos poderes municipal e estadual leva a perda de inestimáveis patrimônios socioculturais, ao exemplo do ocorrido com a antiga praia da Vera Paz, e o que vem ocorrendo recentemente com a praia do Maracanã, o qual se viu quase que bloqueada com a construção de um enorme calçadão de concreto.

Se formos mais atrás, no tempo colonial português, essa quebra e transformações podem ser vistas no que foi a construção do forte em frente ao encontro das águas do Tapajós e o Amazonas. Essas praias, já numa Santarém urbana, que serviam como refúgio para a classe trabalhadora e periférica da cidade são gradativamente marginalizadas e invisibilizadas frente a tentativa de exploração da área pelo capital, com isso a de se questionar, a quem serve o rio?

CAPÍTULO III

MEMÓRIAS SOBRE UM PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Raras coisas desta vida
São gostosas como a ida
Em noite de lua cheia
À Vera Paz afamada
Pra comer uma peixada
Sobre o alvo chão de areia

E se há um violão
Ponteando uma canção
Como fundo musical,
A felicidade é tanta
Que a gente até se espanta,
Pensando não ser real.

Teu luar, ó “Vera Paz”
Saudade pra gente traz
(Canção da Vera Paz – Wilson Fonseca)

Neste capítulo apresento relatos de vida dos moradores do bairro do Lagunho, em Santarém (PA). Esses relatos foram coletados em minhas caminhadas pelo bairro no ano de 2021, durante plena campanha de vacinação contra a Covid-19 em nossa cidade, a fim de aprofundar a narrativa de reconstrução das transformações ocasionadas na paisagem da área onde o bairro se localiza através da memória de seus moradores.

Esses quatro moradores de diferentes pontos do bairro do Lagunho trazem suas determinadas perspectivas sobre como se deu o processo de construção do porto e implantação do terminal, bem como as memórias acerca da praia e de suas histórias de vida. Seus relatos surgem a partir de aceitação de conversas e trocas em minhas andanças pelo bairro.

Por conta da pandemia, havia apenas a opção de sair de casa com menos material possível a vista de facilitar o processo de limpeza ao retornar, bem como o uso de máscara se tornou indispensável, assim saía apenas com uma caneta e uma agenda em mãos afim de conseguir absorver o máximo possível sem a ajuda de materiais como, por exemplo, um gravador de voz, fator que deixava os moradores mais a vontade para conversar comigo já que soava como se fosse uma conversa informal entre vizinhos.

Fotografia 21 – Vista aérea em época de cheia onde hoje se situa o bairro do Laguinho, 1957



Fonte: Blog Você se lembra? (2015)¹⁹

Fotografia 22 – Vista aérea terminal da Cargill atualmente



Fonte: Site rede Brasil atual, acervo Pedro Alcântara/M'bóia (2021)²⁰

¹⁹ Disponível em: <http://ignacioneto.blogspot.com/2015/01/vista-aerea-de-santarém-1957.html>. Acesso em 06 jun 2022

²⁰ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/07/entenda-como-o-porto-da-cargill-no-para-ameaca-terras-e-quilombos/>. Acesso em 06 jun 2022

Como descrito anteriormente, a implantação do Terminal da Cargill na área arrendada do porto da Companhia Docas do Pará, acabou por soterrar o que restava da antiga praia da Vera Paz, causando uma mudança nas atividades desenvolvidas na área, nos hábitos, na formas de sociabilidade e no cotidiano dos moradores daquele lugar.

Em 2009, o bairro do Laguinho possuía cerca de 300 famílias residentes, que ocuparam gradativamente a área, antes alagada por conta da proximidade com a praia Vera Paz (SCHAAN, 2010). O fluxo populacional incentivou a criação de uma economia interna, do qual participavam mercadinhos de bairro, bares e restaurantes, além de haver também práticas como a pesca, coleta de frutas no grande bosque e um campo de futebol.

Os moradores mais antigos relataram uma paisagem alagada, com casas estilo palafitas feitas sobre pontes e com visão para as coroas de areia que se formavam na praia.

Naquela época a gente andava na areia que era muito branca, e ela estalava de tão fina; aos fins de semana as famílias da comunidade iam para a praia, que foi considerada uma das mais bonitas do Brasil, aqui muita gente vivia da pesca na Vera Paz e era uma comunidade que tinha muitos pescadores. Tenho saudade do passeio que toda tarde fazia antes do sol se pôr, eu ia descalça caminhar na areia da praia, era muito lindo mesmo” (D. Maria citada por Schaan 2010: 37).

Fotografia 23 – Coroa de areia da Vera paz



Fonte: Blog A voz de Sílvia Jr. (2011) ²¹

²¹ Disponível em: <http://joaosilvio.blogspot.com/>. Acesso em: 06 jun 2022

3.1 Seu Erivaldo

Seu Erivaldo me chamou atenção nas minhas caminhadas iniciais por conta da localização de sua oficina de bicicletas tão próxima de minha atual casa. Nos três anos que possuí bicicleta não havia percebido que existia uma oficina nas proximidades. Outra situação era que ele sempre estava sozinho e, revezava entre um banco redondo simples sem encosto e sua cadeira de rodas, enquanto acima da sua cabeça se enfileiram pneus e câmaras, no balcão a sua frente que geralmente resguardava o seu corpo era possível perceber algumas poucas peças de bicicletas desmontadas.

O lugar é simples, de longe a oficina mais limpa e organizada que já entrei, inclusive apesar de procurar não consegui identificar marcas definitivas de graxa ou material do tipo nas paredes, ou seja, seu Erivaldo sabia muito bem como limpá-las ou tinha passado por uma reforma recente. Nesta tarde, apesar das minhas rejeições anteriores e de acabar de levar um não de um casal de idosos que vinha “xavecando” a algum tempo para conversar, me nutri de coragem e sorriso de olho, e entrei perguntando se ele estava com tempo para conversar um pouco comigo.

Ao primeiro sinal de resposta positiva já fui logo me arrumando em um dos dois bancos pequenos que se encontram no canto do seu negócio. Perguntei se poderia sentar e ele logo me olhou com uma cara de arrependimento achando que poderia demorar, afinal, até aquele momento ele não sabia exatamente onde tinha se metido, mas acenou que sim. Sentei-me, lhe falei meu nome e disse ao que achava que tinha vindo, estudo na Ufopa informei, ele e seu possível cliente me encaravam esperando o que estava por vir.

Então estávamos ali, eu, seu Erivaldo e seu Francisco, outra figura que já havia esbarrado em uma de minhas andanças pelo bairro, nós nos reconhecemos. Seu Erivaldo queria saber se eu estava interessada em algo específico, já que de início achou que meu alvo era a polêmica da Cargill, porém lhe disse que eu estava mais interessada em saber a sua história de vida e se por acaso tivesse espaço para falar sobre o bairro, queria saber dele, da família, trabalho e sua história.

Deste modo, me contou que é morador da região há mais de 40 anos, mas ao contrário do que supus ele não mora no local onde lhe encontrava naquele momento. Chegou na região aos quatro anos de idade e morou com a sua família por dois anos onde hoje é a área da companhia docas do Pará, me contou que após esses dois anos as poucas famílias que moravam naquela área foram desapropriadas, e com isso muitas saíram sem receber nada e sem ter onde morar.

Nessa época o bairro era tomado por mato, e durante a cheia do rio a água chegava onde hoje é a avenida São Sebastião, ainda sem as limitações de bairro existente hoje ele fala sobre a paisagem que vai daqui da rodovia BR-163 até onde hoje encontra-se o mercadão 2000 como uma grande área que apresentava as mesmas características, lugares de lazer e beleza esplêndida que se perderam ao longo desses anos ao passo que a população, e principalmente os governantes priorizaram o dinheiro e o chamado desenvolvimento econômico regional, dessa maneira seu Erivaldo lembra da Vera Paz como um espaço de lazer que foi tomado da população.

O que mais recorda de sua adolescência são os vários campos de futebol que se espalhavam pelos arredores de onde hoje se encontram os bairros do Laguinho, de Fátima e Aldeia. Nessa época os bairros se cruzavam, e na verdade até hoje ainda é confuso onde termina um e começa o outro, isso porque na fundação da cidade toda a área central era o grande bairro da Aldeia, fundado pelo padre João Felipe Bettendorff em 22 de junho de 1661. Ele e sua família chegaram no período do aterro, o qual ele me contou alguns detalhes que me chegaram como novos, contou que grande parte do aterro veio de bairros próximos onde haviam pequenos morros, inclusive, disse que uma grande parte veio de onde hoje se encontra o Campus Tapajós, Ufopa.

Em meio a isso, seu Francisco como eu ficou quieto apenas ouvindo, mas logo que veio uma pausa perguntei se ele gostaria de falar algo, me disse que concordava com tudo que foi colocado pelo seu Erivaldo. Seguiu dizendo que veio do bairro da liberdade para o laguinho havia cerca de uns 40 anos, hoje mora na rua Silvério Sirotheau. Me contou um pouco mais de como se ocasionou a construção de todos os bairros que beiravam o rio, de onde vieram os seixos da Cargill, como hoje lhe enfurece o que fizeram com o Bairro do Mapiri, que segundo ele contou também contava com uma linda praia ali.

Após isso, vieram o que vou chamar de fofoca de construção de bairro. Me contaram que naquela época tinha a suposição que os terrenos em volta do Barrudada tropical hotel pertenciam a aquela família, e que não conseguiam vender aqueles terrenos por serem ilegais. Falaram sobre como foi a retirada do seixo que veio lá do Arapiuns para essa área das docas, e como algumas famílias de renome se meteram nessas mudanças que ocorrem tão rapidamente. Infelizmente não consegui pegar todos os nomes, nem penso ser de muito interesse para agora, mas foi divertido como se estivéssemos fofocando sobre a cidade.

Um outro cliente chegou e percebi que tinha chegado minha hora de ir, seu Erivaldo ainda me apresentou ao seu cliente e disse que podia procurar ele. Agradei e falei que eu voltava, ele disse que podia voltar sempre e seu Francisco, que parecia só está esperando eu ir

embora, pegou sua bicicleta e falou que nesse dia estava com pressa, mas que podia lhe procurar outro dia, já que éramos vizinhos. Sai de lá e resolvi descer pra ver se conseguia alguma informação sobre a associação do bairro.

Algumas casas depois da oficina encontro três irmãs sentadas, pergunto sobre a associação, se havia se mudado ou se elas conheciam alguém que eu poderia procurar, elas me contam que nunca mais viram aberto a associação do bairro, se lembram que as últimas atividades já deveriam fazer dois anos, mas falaram que eu poderia procurar seu Jurandir e logo me passaram o endereço, eu anotei pois já havia falado com seu Jurandir em 2017. Mas também falaram que eu encontraria informações lá na igreja de Santo Antônio, fato que seu Jurandir também havia mencionado, ao que parece a igreja guarda muitas informações sobre o bairro e seus moradores.

Agora já sei de um pedaço da vida de seu Erivaldo e seu Francisco, e eles também sabem da minha, embora o nosso foco não seja esse, saímos dali com a sensação de que criamos de certa forma um laço. Assim como olhava com curiosidade para os moradores do bairro e vizinhos, eles me olhavam de volta com curiosidade, com isso quando perguntamos e observamos, eles nos perguntam e observam de volta, e dessa forma trocamos informações. Todos se conhecem e conhecem a história do bairro que se formou, agora sou moradora do bairro, mas ainda preciso andar mais para me fazer bem vinda, e estou contando com isso.

3.2 Dona Maria

Na esquina da Rua Silvério Sirotheau com a Travessa Luís Barbosa, encontra-se um comércio chamado Portela, em seu interior na parte dos fundos eu localizo a Dona Maria, ela está sentada em um banco de madeira enquanto sua funcionária Clea, que pelo que pude perceber é uma espécie de “faz tudo” do estabelecimento, passa tintura de cor escura em seus cabelos brancos, chamo do lado de fora do comércio e pergunto se podemos conversar, falei por alto minha intenção, ela me incentiva a dar a volta e ir falar por ela pela grade que tem no estabelecimento, rapidamente a seguir, pois, me dei conta que ela não podia me ouvir direito de onde eu comecei a falar e estava com receio de chegar tão perto devido às precauções em relação a pandemia.

Me ajoelhei do lado de fora do comércio logo a sua frente, lhe contei um pouco sobre mim e do que pretendia com a nossa conversa. Dona Maria é uma senhora branca de olhos cansados, estava usando uma roupa surrada ao ponto de que se eu lhe olhasse em outra esquina qualquer sem conhecer sua história jamais poderia imaginar o que havia ali. Filha de cearenses,

nasceu no Maranhão e se criou como ela mesmo diz aqui em Santarém. Seus pais moraram a vida toda na Travessa Dois de junho, no bairro de Fátima, porém ao casar se viu obrigada a mudar de endereço e é assim que inicia a sua história aqui no bairro do Laguinho.

Dona Maria conta que veio para o bairro quando estava começando a vida e gosta de falar de suas aquisições durante esse tempo, teve quatro filhos que graças a deus “deram pra prestar”, e hoje são todos donos de negócios no ramo de peças automotivas, inclusive descobri que um de seus filhos é meu vizinho de muro. Diz que seu filho não quer sair do bairro, nasceu e se criou aqui, não se acostumou a viver em outro lugar apesar de ter chegado a comprar uma casa em outro bairro.

O terreno fruto de seu casório chegou a ficar cerca de um ano em abandono após a sua compra, pois, ela não queria mudar pelas condições de pobreza extrema encontradas no bairro. O comércio se estabeleceu juntamente com sua família, sendo um dos primeiros do bairro, sempre mantendo firme o nome Mercantil Portela. Conta-se que na época as condições eram tão escassas que era necessário comprar tudo pelo meio quilo, meio quilo de arroz, meio quilo de açúcar etc. A taberna no começo era pequena e simples, sua casa era construída em madeira, e juntamente com o crescimento do bairro Dona Maria foi conquistando os espaços próximos à sua atual casa.

Dona Maria conta que o bairro foi se expandindo, crescendo e nessa época ganhou muito dinheiro com o comércio, porém, no início tinha muita vontade de ir embora, pois chegaram a entrar em seu comércio e roubar suas mercadorias mais de cem vezes, ocorria de maneira tão frequente que ela chegou a encarar como uma espécie de perseguição. As ruas nessa época eram horríveis, havia valas enormes e com elas sempre ocorriam muitos acidentes entre os motoristas mais desavisados, isso tudo ela foi acompanhando de perto.

Quando veio morar aqui no bairro do Laguinho, a praia Vera Paz já não era tão vistosa e, mesmo não sendo uma grande frequentadora da praia, ela lembra alguns detalhes como uma grande mangueira que havia em seu centro, que segundo ela era palco de “tudo que não prestava”. Embaixo dela, moleques usavam drogas, havia prostituição e muita violência. Dessa maneira, para dona Maria a implantação do porto da Cargill não acrescentou nada e nem melhorou nada diretamente, mas pelo menos tirou esses “pontos de coisas ruins” que aconteciam ali.

Ao ser questionada sobre a presença da associação dos moradores do bairro do Laguinho, ela me conta que já chegou a fazer parte e até chegou a contribuir mensalmente com uma taxa determinada pela associação em anos anteriores, porém ao notar que nada mudará em retorno para a comunidade e principalmente em sua rua, logo parou de contribuir e acabou se

afastando e hoje pouco sabe como andam essas questões. Não costuma frequentar a igreja local, até por conta da vida pandêmica, mas em momentos anteriores já não se sentia bem-vinda. Nunca chegou a frequentar os campeonatos de futebol, embora muito já tenha ouvido falar, seus filhos não demonstravam interesse, então, não teve oportunidade de acompanhar de perto.

Em meio a conversa sobre a associação de moradores também chegou a mencionar seu Jurandir que sempre se mostra uma figura bem conhecida entre os moradores, sendo sempre apontado como a pessoa ideal para falar sobre a história do bairro, porém, não vê a associação como um movimento forte dentro da comunidade. Reforçando que a associação não faz nada pelo bairro, pois, não vê demonstração de preocupação pelo bem-estar coletivo.

Assim, em cerca de uma hora de conversa pude acompanhar o andar dessa história, Dona Maria veio para o bairro do Laguinho onde havia comprado apenas um pequeno terreno, logo construiu sua casa e sua taberna e, hoje é dona de vários imóveis no bairro, tanto na Rua Silvério Sirotheau quanto na Travessa Luís Barbosa, chegando a possuir casas e apartamentos para alugar em outros bairros de Santarém. Sendo proprietária da maioria das casas e apartamentos de aluguel dos arredores, me contou sobre todas elas uma por uma, inclusive sobre meus vizinhos que não conhecia até o momento.

Hoje dona Maria mora em um apartamento nos altos que ganhou de um de seus filhos, o apartamento é localizado bem em frente ao seu comércio onde ela trabalha todos os dias, inclusive domingos ou feriados. Está planejando derrubar uma pequena vila do lado de seu comércio para construir sua casa para o fim de sua vida. Aproveitou para me convidar para morar em um de seus imóveis falando que o preço “é em conta”, me falou sobre o valor de todos os seus ganhos com aluguéis, e ficou de me avisar quando alguma casa ou apartamento desocupar.

Sobre a questão da violência no bairro, dona Maria afirma que o lugar é tranquilo agora, mas de primeiro era muito perigoso, não podia sentar nas calçadas em frente de casa porque havia gangues e nessa época “a bala comia”. No bairro havia muitos conflitos de gangues que resultaram em grandes brigas com moradores do bairro e dos arredores.

Dessa maneira, seguiu me contando uma história que ocorreu certa de uns três ou quatro anos atrás, quando sua família de Santarém e de Itaituba estavam reunidos aqui na sua casa, ela diz que do nada começou uma movimentação em um bar próximo que acabou resultando em briga e seu filho mais velho resolveu intervir, chamou a polícia e pagou cerca de cem reais para cada viatura bater “nos moleques da rua” que estavam brigando, e desde esse episódio nunca mais presenciou uma briga de gangue aqui na sua rua.

Dessa forma afirma que agora o bairro está muito bom, de noite a gente se sente seguro, a viatura circula vez ou outra, fora os vigilantes particulares que são contratados pelos moradores que passam de moto durante a noite. Nesse processo todo de crescimento do bairro, pode-se acompanhar a alta no valor dos terrenos e casas. Enquanto algumas famílias saíram daqui outras cresceram, as mais humildes acabaram vendendo suas casas para ir em busca de melhores condições, o que dona Maria associa a essas melhorias que viu acontecer ao desenrolar dos anos.

Durante nossa conversa me confidenciou que tinha muita vontade de mudar daqui no início, chorava toda a noite para voltar a morar mais no centro. No segundo dia após a mudança a cheia pegou dona maria no susto, chorou achando que iria morrer afogada, viveu os duros primeiros anos pensando em mudar para outro lugar. Morou muito tempo em uma casa que não gostava.

Logo acabou se acostumando, o comércio Portela vendia de tudo e vendia bem e, dessa maneira, ela e sua família pegaram todo o crescimento do bairro e cresceram juntamente com ele. Não pude deixar de perceber que aqui no bairro o problema das enchentes e alagamentos que advêm das fortes chuvas sempre foi uma constante, a água não encontra para onde escorrer e acaba entrando nas casas dos moradores devido a um péssimo serviço de infraestrutura urbana.

Após sua mudança para o bairro conta que achava ruim morar aqui porque as pessoas eram muito pobres, tudo pediam e ela não tinha como oferecer para todos que vinham a sua procura, pois, dava tudo de graça, não cobrando nada. Já hoje não... todo mundo tem acesso a televisão e telefone, na época eles receberam muitos pedidos para compartilhar a linha de telefone e a televisão era colocada na frente do comércio onde os vizinhos mais próximos vinham acompanhar as notícias e a novela ao cair da noite todos os dias. Infelizmente não guardou foto dessa época, mas diz que já faz uns 43 anos.

Na época, o bairro não tinha linhas de telefone públicas, os orelhões como eram conhecidos popularmente. A eletricidade também não era algo fácil de se ter, sendo raro as casas que contavam com eletricidade, rede telefônica e água encanada. No meio tempo de toda a nossa conversa Cleia, sua funcionária, se mostrava atenta aos temas debatidos, por fim resolveu que queria falar também, disse que já tinha me visto mas não sabia onde eu morava, e com poucos detalhes afirmou que já avistou toda a minha família ali pelas redondezas.

Clea trabalha com a dona Maria e mora na sua vila, tem cerca de quarenta anos de idade, veio de uma comunidade próxima ao município de Monte Alegre, mas mora a seis anos em Santarém, aqui no laguinho. Dona Cleia afirma que a Cargill tirou a privacidade dos moradores

do bairro, tirou a praia, mas lá rolava uso de drogas e era área de prostituição, de tudo quanto era bagunça e, agora não. Então não deixa de ver isso como algo bom.

Dona Maria disse que sempre que eu quisesse conversar podia passar por lá e afirmou “a gente não está falando mentira”, por isso não tem medo de falar. Notei que em nenhum momento mencionou seu marido, mas eles continuam casados. Ela ficou surpresa de nunca ter me visto por aqui e feliz pela nova amizade. O que acho engraçado de se pensar, pois, nos nossos primeiros contatos, que se davam através de eu ir comprar alguma coisa no seu comércio, mantinha a sensação de que ela não gostava de mim, mas, na verdade, ela apenas não me reconhecia como alguém boa para conversar e, agora eu estava oficialmente incluída nessa categoria.

A cada saída de casa percebo mais a importância de conhecer a história das pessoas, as histórias dos moradores, porque são elas que constroem o bairro e é através deles que vou tendo acesso ao passado e ao presente, sendo assim, conhecer a história dos moradores é conhecer os mundos que aqui existiram e existem. E como eles conversam entre si. O laguinho hoje se mostra um bairro relativamente pequeno, mas com muitas histórias guardadas para serem descobertas.

3.3 Dona Ana Lúcia

Nesta segunda-feira, apesar da manhã atarefada em casa, retirei parte do meu tempo vespertino para caminhar e tentar a sorte de encontrar alguém disposto a conversar comigo. Nas minhas idas e vindas pelo bairro, esbarro com duas senhoras sentadas em frente a sua casa embaixo de uma pequena árvore quase em frente a igreja de Santo Antônio, na Travessa Luís Barbosa.

Ao me aproximar e me apresentar, notei certas semelhanças entre as duas, inclusive no jeito de se vestir e falar, apesar de uma claramente ser mais comunicativa que a outra. Dona Ana Lúcia foi quem aceitou oficialmente conversar comigo, ela me disse que tinha 52 anos, possui um rosto bem cuidado e seus cabelos pretíssimos transparecem juventude. Me contou que sempre foi moradora do bairro, e que na sua infância morava com sua família exatamente no início da antiga praia, onde as primeiras instalações do terminal da empresa Cargill se encontram.

Partindo desse ponto, me narraram um pouco do que ocorreu naquela época da década de 90, como esse movimento de implantação do porto de exportação acabou com a até então famosa Praia Vera Paz e seus entornos, a qual elas acreditam, oficializou a extinção da praia

em meados do ano de 1998. Naquela mesma época, as águas do Rio Tapajós ainda entravam cidade adentro nas épocas de cheia por conta dos inúmeros aterros que ocorreram na área.

Onde hoje se reconhece como Bosque Vera Paz era lugar de várias moradias, casas de madeira com assoalhos altos que protegiam das enchentes na época de cheia, com os crescimento do bairro houve a necessidade de se aterrar grande parte de onde se situa o bairro do Lagunho, porém isso não impediu que acontecesse grandes enchentes que chegaram a entrar na casa dos moradores e causarem grandes prejuízos, como foi o caso da grande enchente de 2009. Dona Ana conta que a maioria dos moradores originais já se encontram todos mortos.

A moradora fala que o bairro teve um problema com gangues em 2008, no qual havia conflitos com os grupos que se mantinham aos arredores, com isso não podia deixar nada em frente às casas ou no quintal que havia roubos e, sempre havia brigas e confusões, uma das vantagens do bairro agora é ser perto do mercado municipal e da feira do mercadão 2000.

Dessa forma, fala que a Cargill “não fluiu e nem contribuiu para o bairro”, citando as velhas mesmas promessas vazias que a empresa lançou na época aos moradores que foram retirados de suas antigas moradas à beira do rio. Hoje reclama sobre o descuido com o Bosque Vera Paz, os empreendimentos que são colocados lá como lanchonetes e cafés, não duram muito tempo por conta do abandono do local. E conta que lá havia uma cabana de madeira que pegou fogo e que sua família já havia comemorado o ano novo ali naquele local que ficou sendo uma lembrança boa de se ter. Reforça que precisa haver um cuidado com o bosque tanto da prefeitura, quanto da Cargill e dos próprios moradores

A moradora apontou que os gatos no entorno do bosque e da cargill adentram a área do Ibama, e culpa os próprios moradores pelo crescimento da população felina, reforçando que é uma questão de saúde pública, pois, os gatos acabam sujando o local e deixando um cheiro ruim. Uma de suas principais observações partindo do crescimento do bairro é que houve extinção das árvores, principalmente as frutíferas como as mangueiras.

Dona Ana vagamente ouvia falar dos torneios de futebol, mas conta que normalmente aconteciam no sábado pela parte da tarde. Porém, lembra de um concurso chamado “musa do verão” da rádio 94 fm, o qual fazia um pequeno tour durante as suas edições pelas praias do município, geralmente começando em frente ao Museu, depois Vera Paz e Porto da Sudam, depois Maracanã e por último Alter do Chão.

Um fato que destaque é como Dona Ana se mostra consciente sobre o que ocorreu com a praia Vera Paz e chegou a comparar com o que vem ocorrendo com nossa querida praia do Maracanã. Assim como no Maracanã e em Alter, a praia Vera Paz também contava com

inúmeras barracas de vendas, vendiam comidas e também havia o plantio de verduras e hortaliças, era um mercado movimentado entre os moradores.

Fotografia 24 – Vera Paz em 1970



Fonte: Acervo Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS) – Blog do padre Sidney Canto (2016)²²

3.4 Seu Antonio Sena

Subindo a Travessa Agripina de Matos vi um senhor sentado sozinho de máscara no rosto em frente a sua casa tecendo uma rede de pesca mais conhecida como malhadeira, ele me conta que seu nome é Antonio Sena e é um pescador aposentado, hoje confecciona e conserta redes de pesca para seus vizinhos e amigos. Está morando há 15 anos naquele mesmo endereço, porém, antes morava na Travessa Antônio Justa, próximo a sede do Ibama. Foi morar lá antes de asfaltarem quando ainda era rua de chão batido, já havia bastante casas na região, mas os prédios vieram bem depois.

Seu Antônio diz que gosta do bairro e procura não ter inimizade, dizendo que gosta da velharia, de bater papo e jogar dominó no bosque. Participa de vez em quando das atividades da igreja, pois segundo ele já se encontra “velho, cansado, agoniado e sem cabelo” mas gosta de ajudar, e por isso participa de um grupo de homens chamado Três de Maio. Busca sempre interagir para ser lembrado após a morte, pois segundo ele, se mostrar ativo e participativo na

²² Disponível em: <http://sidcanto.blogspot.com/2016/05/a-praia-da-vera-paz-no-final-dos-anos.html>. Acesso em: 17 abril 2022

vida das outras pessoas é a chave para deixar um pouco de si depois da partida do corpo físico. Ressalta a importância das boas amizades e das camaradagens para a boa convivência no bairro.

Segundo ele, a Cargill empatou muita coisa, veio uma melhora mas não a do desenvolvimento que fora prometido, assim acredita que o povo confiou em promessas vazias. Acabou com a praia, mas, não teve só desgraça, na praia havia venda de bebidas e com isso desavenças, de lá pra cá muita coisa mudou. Falou sobre a destruição dos campos, extinção dos campeonatos, mas que por outro lado, veio a claridade, já que ali antigamente era uma área sem iluminação urbana de qualidade o que favorecia o acontecimento de assaltos. Com consciência limpa afirma que houve a diminuição da violência e que acabou com os conflitos de gangues que aconteciam ali.

Para Seu Antônio, hoje o Bosque é moradia de gato, mas, não deveria ser só o prefeito culpado do abandono atual do lugar, os moradores também deveriam fazer algo em relação a isso, pois, o Bosque não é ao todo ruim e sim está apenas abandonado. Porém, para ele o povo nunca está satisfeito com nada, as pessoas não contribuem.

Ao ser questionado sobre a associação do bairro me falou que a mesma está extinta pois venceu o tempo da diretoria e se encontra fechada desde então, o que aponta ser culpa de política interna. Afirma que a associação trouxe algumas melhorias na época de seu pleno funcionamento e que outros moradores já tentaram tomar a frente da associação, mas para ele nada adianta a palavra falada da boca pra fora, precisa haver a ação, segundo Seu Antônio “falar é fôlego, precisa fazer”.

Em sua infância morava em um sítio na cidade de Alenquer, onde aprendeu e começou a pescar juntamente de seu pai, o acompanhando em suas pescarias, veio de Alenquer aos onze anos. Já trabalhou durante muitos anos, sempre pescando em seu tempo livre. Aos sessenta e cinco anos se aposentou. Fala que: “de dinheiro não tem conhecimento, mas de sofrimento tem”.

Durante o começo da epidemia do coronavírus, passou noventa dias trancado em casa, brincando que completou uma noventena e não a quarentena. Havia medo da doença, inclusive, já tomou as duas doses da vacina e por isso hoje já se sente seguro para atravessar a rua e sentar de máscara sozinho. Mas ainda assim anda com receio, cabreiro, assiste o jornal e acompanha as notícias, procurando evitar saídas, tomando todos os cuidados necessários.

Me falou que quem tem boa inteligência e humildade cresce cedo, e que fica triste ao ver jovens despreparados para viver, os quais os vícios os dominam e que seguem parado pensando na vida. Me incentivou a não ter medo de viver um pouco e a procurar não sofrer demais por coisas pequenas, me incentivando a estudar e dizendo que só existe vitória porque existe luta e agora era o meu momento de lutar.

Conta que andava muito de bajara pela frente da cidade, e que hoje vai de vez em quando vigiar o estado da sua que se encontra amarrada ao lado do bosque, aproveita e vai a feira andar de bicicleta pelo bairro. Me contou que gosta de descer para o bosque ao entardecer para apreciar a paisagem e olhar o rio, sua grande vontade é voltar ao rio para pescar depois de tudo que ocorreu no último ano. Seu Antônio acredita que a poeira da soja e do milho atrapalham os moradores que só querem respirar no fim da tarde, embaçando o rio no horizonte.

Fotografia 25 – Rio na época de seca em frente ao bosque Vera Paz em 2018



Fonte: Acervo Karina Pimenta (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência colonial tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até à exploração do território-corpo que somos. Há nessas relações agrotóxicas uma interconexão e interdependência. Da mesma forma que essas violências incidem sobre nós de maneira conjunta, o enfrentamento a elas também deve acompanhar a complexidade que essa tarefa nos traz. (NÚÑEZ, 2021)

Chegar ao fim desta monografia na qual pude entrelaçar a memória dos moradores do bairro do laguinho e as transformações ocasionadas nas duas últimas décadas na área da antiga praia da Vera Paz, através de uma narrativa feita de maneira nova para mim, é muito significativo no que se refere a maneira como fui caminhando ao longo da pesquisa. Ao retornar a minha chegada à temática tratada e aos trajetos que percorri para o que foi exposto aqui, é possível apresentar muito do que sou e do que acredito.

Para Ingold (2021), é necessário seguir o que ele chama de perspectiva do habitar, segundo o qual a paisagem é constituída como registro duradouro e testemunha das vidas e das atividades das gerações que nela habitam, e ao habitá-la acabaram deixando algo de si. Para os antropólogos, adotar uma perspectiva desse tipo significa trazer o conhecimento nascido da experiência imediata, privilegiando os entendimentos de que as pessoas derivam de seu envolvimento cotidiano no mundo vivido (INGOLD, 2021, p. 113)

A própria organização do trabalho reflete a maneira que fui me aprofundando nas questões levantadas anteriormente, ao passo que, em primeiro momento lá em 2018 eram notáveis em minha percepção os impactos sofridos pelas vinte famílias que foram despejadas em função da implantação do porto, e hoje, é inegável os múltiplos impactos ocasionados pelos grandes projetos desenvolvimentistas, como empreendimentos na áreas de mineração, agronegócios e voltados aos recursos hídricos, os quais atingem diretamente os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, da região de Santarém e, os próprios moradores da área urbana.

Para isso, foi preciso partir do contexto histórico de formação da cidade de Santarém a fim de entendermos quais implicações há entre a formação urbana da cidade e formação da paisagem da área da antiga praia da Vera Paz que conhecemos hoje, dessa forma, conclui-se que o objetivo principal do trabalho foi alcançado visto que através de revisão bibliográfica, coleta de fotografias de acervos públicos e pessoais e, a junção com os relatos de vidas dos

moradores, escreveu de maneira satisfatória a narrativa que reconstitui parte do processo ocorrido.

Segundo Ingold, (2021, p. 113) perceber a paisagem é, dessa maneira, realizar um ato de lembrança, e lembrar não é mais uma questão de resgatar uma imagem interna guardada na mente do que uma questão de se envolver perceptivamente com um ambiente que está repleto do passado. Dessa forma, a paisagem é o mundo como conhecido por aqueles que nele habitam, que nele ocupam seus lugares e percorrem os caminhos que lhes conectam. (INGOLD, 2021, p. 120)

Em seu livro, *Monoculturas da mente*, Vandana Shiva (2003) procura mostrar que as monoculturas ocupam primeiramente a mente e depois são transferidas para o solo. As monoculturas mentais geram modelos de produção como progresso, crescimento e melhoria.

Dessa forma, segundo a perspectiva da mentalidade monocultural, a produtividade e as safras parecem aumentar quando a diversidade é eliminada e substituída pela uniformidade. Porém, segundo a perspectiva da diversidade, as monoculturas levam a um declínio das safras e da produtividade. São sistemas empobrecidos, qualitativa e quantitativamente. Também são sistemas extremamente instáveis e carecem de sustentabilidade. As monoculturas disseminam-se não por aumentarem a produção, mas por aumentarem o controle. A expansão das monoculturas tem mais a ver com política e poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica. (SHIVA, 2003, p. 17)

Segundo Tsing, explorar formas de habitar exige a apreciação das paisagens como ferramentas analíticas que nos permitem pensar por meio de várias escalas, dos tempos passados ao tempo atual. Para pensar o momento que estamos vivenciando chamado de antropoceno, Tsing (2019) sugere a imagem do sistema de plantation como objeto privilegiado de reflexão, expandindo seu uso para além dos sistemas agrícolas, pois também passaria a ser um signo colonial e parte máquina, que ao se expandir acaba com a diversidade local, consumindo-a.

Sendo assim, a diversidade enquanto maneira de pensar e enquanto maneira de viver, é necessária para superar o empobrecimento gerado pelas monoculturas mentais, pois os sistemas modernos, nascidos de uma cultura dominadora e colonizadora acabam por ser também colonizadores. O desaparecimento do saber local acaba ocorrendo de várias maneiras, entre elas havendo a negação de sua existência. Assim, a correlação entre o saber e o poder é inerente ao sistema dominante pois está associado a valores baseados no poder que surgiu com a ascensão

do capitalismo.

Partindo disso, podemos aderir ao conceito de racismo ambiental para compreender as formas como em disputas por território e direitos socioambientais, as desigualdades e discriminações étnicas e raciais operam e definem quem são os injustiçados e quem são os privilegiados. Com isso, precisamos reconhecer a questão racial e o etnocentrismo como problemas centrais na sociedade brasileira no qual se inserem os grupos envolvidos no conflito. Como exposto anteriormente, Santarém é uma cidade formada no período colonial e que carrega marcas dessa formação, como por exemplo, o fato de no começo de sua formação urbana haver a divisão entre o bairro central marcado pela presença europeia, enquanto a população não branca vivia nos entornos que eram considerados periferias.

Dessa forma, podemos caracterizar a problemática racial e étnica tanto como fator de produção de injustiças contra esses povos e comunidades, quanto como elemento de constituição dos poderes políticos, econômicos e culturais dominantes, o qual controlam a implementação e o funcionamento das atividades econômicas geradoras de tais conflitos, assim na formação da sociedade brasileira, povos indígenas, negros e suas ascendências sempre estiveram e continuam situados de forma desprivilegiada. (PACHECO e FAUSTINO, 2013, p. 74)

O Brasil, primeira colônia a escravizar os africanos (em 1538) e última a abolir a escravidão (em 1888), não tomou nenhuma medida para cuidar de sua vasta população de ex-escravos e seus descendentes, miseráveis e analfabetos. Buscando uma identidade nacional alinhada com Portugal, seu senhorio dos tempos coloniais, e também com o restante da Europa, o governo e as elites dirigentes do Brasil cultivavam uma sociedade marcada pelos signos da cor e fundamentada em distinções de classe, em que os brancos monopolizavam as posições de poder. Tanto africanos como indígenas eram uniformemente pobres e sem voz. (The Southern Education Foundation, 1999 apud Pacheco e Faustino, 2013, p. 74)

A formação da realidade brasileira também está fortemente assentada na ideia de superioridade cultural do elemento branco europeu e pelo etnocentrismo que atribui valores diferenciados e desiguais às diferentes sociedades e culturas (GOMES, 2005 apud PACHECO e FAUSTINO, 2013, p. 77)

Esse contexto formativo de nosso país ajuda a entender por que atualmente os povos indígenas e comunidades tradicionais seguem sendo alvo de invisibilização e desvalorização, e

com isso é prática recorrente a implementação de políticas públicas e atividades econômicas de alto impacto sociais e ambientais em seus territórios, havendo negação de suas identidades ou de sua capacidade de decidirem sobre o futuro, gestão e usufruto dos bens ambientais relacionados aos seus modos de vida, trabalho, tradições etc.

A partir dessa pesquisa, desenvolvida com moradores de uma área urbana em Santarém, tive acesso a mais diversas questões em respeito dos impactos da implementação e operação do terminal da multinacional Cargill não só diretamente na área afetada de maneira física, correspondente à antiga praia Vera Paz e ao bairro do Laguinho, podemos acompanhar em larga escala como empreendimento desse porte e desse setor impactam a vida dos povos e comunidades que dependem do rio e da terra para sua sobre(vivência).

Assim, embora devêssemos considerar a diversidade de populações atingidas seja identificadas pela raça, pela cor, pela etnia ou por modos de vida, as estruturas do poder dominante são em grande parte brancas, seja em referência ao Estado ou às grandes empresas e aos empresários. No caso dos moradores do Laguinho e dos moradores da antiga praia Vera Paz, devemos considerar o que PACHECO e FAUSTINO (2013) apresentam:

(...) as populações urbanas que não são identificadas como brancas em seus traços físicos e culturais, tampouco apresentam autoidentificação coletiva principal como negras ou índias, mas sobre elas recaem mais direta e imediatamente as injustiças ambientais nas cidades, como é o caso, por exemplo, dos moradores das periferias, do entorno dos aterros sanitários e das demais áreas de risco. E são majoritariamente esses contingentes os expropriados, contaminados, despejados, remanejados, enfrentando direta e imediatamente as perdas e danos colaterais do desenvolvimento econômico.

Portanto, a grande presença de negros, indígenas e não brancos no lado dos prédesfavorecidos dos conflitos na região norte, demonstra as afirmações de Chavis (1993 apud PACHECO e FAUSTINO, 2013, p. 91) sobre racismo ambiental: a discriminação racial nas políticas ambientais, no cumprimento dos regulamentos e das leis, na escolha deliberada das comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras e no reconhecimento oficial da presença de venenos e poluentes que ameaçam as suas vidas. No que se refere a conflitos recentes em função da expansão da soja para a região do planalto santareno e da implantação do terminal da Cargill, rapidamente se verifica quem são os agressores e os agredidos.

(...) a implementação dos projetos e políticas de desenvolvimento econômico acontece acompanhada de um processo naturalizado (às vezes sutil, porém sempre potente) de desqualificação, inferiorização e subordinação dos modos de vida locais e, conseqüentemente, da desvalorização e invisibilização das populações, sejam urbanas ou rurais. Ainda que tal implementação seja também acompanhada do discurso da melhoria da qualidade de vida, essa suposta melhoria está atrelada à aceitação subordinada dos interesses e modos de vida dos agressores. (PACHECO e FAUSTINO, 2013)

Nesses casos não há como negar que a condição inferiorizada dos moradores constitui um fator que facilita a sobreposição dos interesses da iniciativa privada e do Estado desenvolvimentista. A exemplo do que ocorreu com as famílias que moravam à beira do rio na antiga praia Vera Paz, no qual funcionários da Companhia das Docas informaram sobre a construção do terminal fluvial de granéis sólidos, da multinacional Cargill e o “necessário” despejo, no prazo de um mês, dos moradores.

Como herança atual do colonialismo na região, quilombolas, indígenas e comunidades tradicionais, tem seu modo próprio de fazer política e economia, bem como seus conhecimentos e saberes inferiorizados frente ao ideal do progresso. Para essas pessoas, o progresso e desenvolvimento da lógica capitalista significam o agravamento da omissão a assistência à saúde, ausência de políticas ambientais próprias que levem em consideração seus modos de vida, poluição socioambiental, destruição dos territórios ancestrais e assassinatos.

Ao analisar os principais impactos ocasionados desde o começo do processo de implantação, construção e operação do terminal da multinacional, estamos em frente a uma espécie de efeito dominó que se dá de maneira crescente. A perda da praia levou a perda do lugar de lazer e sociabilidade dos moradores do bairro do Laguinho e proximidade. A perda de parte da história dos povos da região ao destruir os vestígios arqueológicos do sítio onde fica localizado o terminal, leva também a um constante desrespeito a luta dos povos indígenas do baixo tapajós.

Com a perda dos espaços de lazer e sociabilidade houve um crescimento da onda de criminalidade associada a área onde ficava a antiga praia da Vera Paz, causando uma forte onda de gentrificação após o surgimento da empresa no lugar. Com o afastamento dos moradores da beira da praia houve a perda da conexão com o rio, o que leva a um grande acúmulo de lixo na margem direita da orla onde hoje se encontra o Bosque Vera Paz, o qual se encontra abandonado

tanto pelo poder público quanto pelos próprios moradores que hoje só podem contar com uma passarela e uma quadra esportiva abandonada e com mau cheiro.

Isso leva a uma naturalização da paisagem atual, com o maquinário da empresa avançando sobre o rio, o que acarreta na chegada de mais embarcações de grande porte adentrando o rio Tapajós e ocasiona a erosão na várzea acelerando o fenômeno de terras caídas, também gerando menos áreas de pesca e menos peixes no rio e mais desmatamentos e mais uso de agrotóxicos nas matas, fora os conflitos fundiários e impactos sobre territórios sagrados.

A relevância dessa temática se torna imprescindível para compreendermos o processo constante das transformações ocorridas na cidade de Santarém nas últimas décadas e sua diversidade ao se tratar de uma cidade relativamente grande²³ no meio na Amazônia e com um potencial enorme de exploração pelo círculo mundial hegemônico capitalista. Dessa forma, ao focar no conjunto de transformações na paisagem ocorridos no bairro do Laguinho e na antiga praia Vera Paz os quais se tornaram palco de um empreendimento multinacional, este trabalho assume a importância de compreender quais mudanças e permanências no que concerne às formas de relações entre o humano e não humanos são mantidas historicamente entre o espaço que remete ao bairro, ao terminal e o rio.

Portanto, o caminho do enfrentamento a esse tipo de pensamento, a essa colonização intelectual e política de extinção, não é fácil, pois passamos a ser quase que apenas espectadores das futuras ruínas que nos cercam, achando que o rio Tapajós será sempre essa imensidade e, que praias como a de Alter do chão, não correm risco de ter o mesmo destino que a Vera Paz. O passado está aí para nos fazer entender o presente e sonhar o futuro, e se estamos na era dos humanos, pelo menos podemos tentar um caminho que não seja o de sempre produzir ruínas. Mas esse é o lugar do sonho. (BEMERGUY, 2021)

Com isso, finalizo dizendo que acredito ser necessário “conseguir erguer o pensamento da imagem à cólera diante do tempo vivido, diante do tempo sofrido pelos seres humanos para decidir sua própria história”. (DIDI-HUBBERMAN, 2018, p.87 apud BERMEGUY, 2021, p. 36)

²³ Em 2021, sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 308.339 habitantes. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/santarem.html>. Acesso em: 15 jul 2022

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Agroestratégias e desterritorialização - direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In. Almeida, A.W. et. al. **Capitalismo globalizado e recursos territoriais – fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina. 2010.

ALVES, Daiane Travassos. **Horticultores do Tapajós: Contexto formativo no sítio Porto de Santarém, baixo Amazonas, Pará**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém. 2012.

BEMERGUY, Lila Rosa de Sousa. **A estética do cimento sobre a areia e o rio**.

OESTADONET, Santarém, 2021. Disponível em:

<https://www.oestadonet.com.br/noticia/20727/a-estetica-do-cimento-sobre-a-areia-e-o-rio>.

Acesso em: 17 mai. 2022.

BEMERGUY, Lila Rosa de Sousa. Fantasmas e Memórias sobre Santarém: por uma filosofia do olhar. In: CARVALHO, Luciana Gonçalves de. APARICIO, Miguel. SILVA, Rubens Elias da (org.). **Sociedades locais: memórias e expressões, coletividades e políticas**. Belém: RFB, 2021. p. 19-38. Disponível em:

<https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/verProducao?idProducao=367101&key=1db0a2e48a13e437afa95aafb9d57690>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo; Ateliê Editorial; 2003

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fotografar, documentar, dizer com a imagem**. Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro, 18 (1): 27-54, 2004.

COSTA, Tatiane de Cássia da. **A relação cidade e rio na Amazônia: mudanças e permanências frente ao processo de urbanização recente, o exemplo de Santarém (PA)**. Orientador: Sant-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós - Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém, 2012.

COSTA, Solange Maria Gayoso da. **Grãos da floresta: estratégia expansionista do agronegócio na Amazônia**. Orientadora: Rosa Elizabeth Acevedo Marin. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em:

<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11157>. Acesso em: 02 fev 2022

CPEA/Cargill. **Terminal Fluvial de Granéis Sólidos da Cargill Agrícola S.A. - RIMA. Relatório de Impacto Ambiental**. São Paulo: Consultoria Paulista de Estudos Ambientais/CARGILL, inédito. 44 p. 2010.

GOMES, Taynara do Vale; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. **Santarém: o ponto de partida para o (ou de retorno) urbano utopia. urbe**. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 11, p. 1-17, 2019. ISSN 2175-3369.

INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. in: BESSA, Altamiro Sérgio mol (Org). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, p. 111- 153, 2021.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. As Diversas Ocupações da Área Portuária. in: SCHAAN, Denise Pahl e ALVES, Daiane Travassos (Org.). **Um porto, muitas histórias:** arqueologia em Santarém. Belém: Gráfica Supercores, p. 135-143, 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

NÚEZ, Geni. **Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário.** CLIMACOM CULTURA CIENTÍFICA - PESQUISA, JORNALISMO E ARTE, v. ano 8, p. 01-08, 2021.

PACHECO, Tania; FAUSTINO, Cristiane. A iniludível e desumana prevalência do racismo ambiental nos conflitos do mapa. In. Porto, Marcelo Firpo; Pacheco, Tania; Leroy, Jean Pierre. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil:** o mapa de conflitos. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p.73-114, 2013. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/468vp/pdf/porto-9788575415764.pdf#page=70>. Acesso em: 24 mai 2022

PEREIRA, José Carlos Matos. **Cidade na floresta:** Belterra, a experiência da plantation de seringa de Henry Ford na Amazônia brasileira (1934-1945), en Avances del Cesor, Año X, N° 10, p. 129-150, 2013.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, n° 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-215.

TERRA DE DIREITOS. **Sem licença para a destruição – Cargill e violação de direitos no Tapajós (Santarém).** 2021. Disponível em:

<https://semlicencaparacargill.org.br/santarem.html>. Acesso em: 10 abril 2022.

SCHAAN, D. P. **Salvamento Arqueológico do Sítio PA-ST-42:** Porto de Santarém. Ano I. Relatório Final. Belém: UFPA. 2010.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

PEREIRA, José Carlos Matos. **Importância e significado das cidades médias na Amazônia:** uma abordagem a partir de Santarém (PA). f. 127. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém. 2004.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas:** paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB/Mil Folhas. 2019.

PIMENTA, K. et al. Saudades da Veroca: Memórias da Praia de Vera Paz antes do Porto da Cargill, Santarém/PA. In: **8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU)**, 2018, Natal. ANAIS | Vol. 2 - Área temática: Cultura. Natal: UFRN. v. 2. p. 465-485. 2018

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia.** Curitiba: EDUFPR, 2004.